

IN CLU SÃO

Começa em mim!

CRÔNICAS
INCLUSIVAS

E-BOOK

Karla Daniele Luz



Musica: **Inclusão começa em Mim**

Letra e Musica: **Keisy Vieira**

(@keisyrobertapsi)

**“Eu preciso entender
Que você é igual a mim
Você gosta de brincar
Gosta de ter amigos
Alguém para dar risadas
E pra conversar
Eu preciso entender
Que você não é tão diferente assim
Eu quero aprender a ser bem melhor
Eu quero incluir
Inclusão começa em mim
Preciso cooperar
Pra ter um mundo melhor
É ruim deixar o outro de lado
Criança gosta mesmo
De amor e cuidado”**

Audio-descrição da capa:

Sobre fundo laranja. À esquerda, uma abaixo da outra, em vermelho e caixa alta: “IN”, “CLU”, “SÃO”. Imediatamente abaixo, em branco e letras cursivas: “Começa em mim!”. À direita, um triângulo com base voltada para a direita e sobre ele, em preto e caixa alta: “CRÔNICAS INCLUSIVAS”. No rodapé à esquerda, em preto: Karla Daniele Luz. Ao lado, duas mãos sobrepostas sendo a de cima apenas o contorno e a de baixo em branco.

Disponível em:



ATENÇÃO!

*Esse livro está disponível nos formatos acessíveis:

- E-book no site: <https://portais.univasf.edu.br/nai>
- Tradução em LIBRAS e Audiolivro através do QR Code:



Karla Daniele Luz

IN CLU SÃO

CRÔNICAS
INCLUSIVAS

Começa em mim!

E-BOOK



Petrolina-PE

2023

© 2023 por Karla Daniele de Sá Maciel Luz

Editor Responsável:

Rubervânio Lima

Diagramação:

Rubervânio Lima

Capa:

Olivanildo da Silva Frazão

(olivanildo@live.com)

Ajustes e coordenação editorial:

Rubervânio Lima

Ilustrações:

Guilherme Rodrigues da Silva

(guilherme.r@discente.univasf.edu.br)

Revisão Geral:

Geida Maria Cavalcanti de Sousa

(geida.cavalcanti@gmail.com)

Elzenita Falcão de Abreu

(zeyth2020@gmail.com)

Audio-descrição:

Milton Carvalho, Ely Vieira, Karla Daniele Luz

Tradução em Libras:

Davi de Lima, Valdir Ligo, Getro Barbosa, Tailane Brito,

Lisandra Alves de Sousa, Ely Vieira, Raquel Lopes, Helayne

Cardoso

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, sem autorização prévia ou por escrito do autor. A violação dos direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo Artigo 48 do Código Penal.

Editoração:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

L994i	Luz, Karla Daniele.
1.ed.	Inclusão começa em mim – crônicas inclusivas / Karla Daniele Luz ; - 1.ed. - Petrolina-PE : Oxente, 2023.
	ISBN : 978-65-86239-36-2
	1. Crônicas - Literatura Brasileira. 2. Capacitismo. 3. Inclusão. 4. Desenvolvimento. 5. Diagnóstico. I. Luz, Karla Daniele. II. Título.
04-2023/24	CDD B869
	WM-203

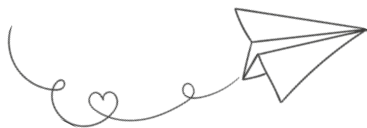
E-BOOK

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira : Crônicas B869

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

*Para Miguel, Antônio, Joaquim, Pedro e
Manoel com amor, esperança e fé...*



Áudio-descrição: Abaixo da dedicatória, um pouco mais à direita, o pontilhado de uma linha com voltas e um coração ao centro. Em sua extremidade direita, também em pontilhado, um pequeno avião de papel.

Agradecimentos

*Devemos agradecer às pessoas que amamos,
pois sem elas nos perderíamos na noite...
(Oskar Pfister)*

Agradecer é um verbo que muito me encanta e me move. A gratidão é a expressão de um coração submisso diante da realidade vivida. Assim, meu maior agradecimento àquele que tem sido o guia único da minha existência; àquele cujo amor eterno mostra-me a urgente necessidade da coletividade; àquele que tem me conduzido até aqui, toda gratidão do meu ser...

Gratidão a Jônatas Melquíades Maciel (*in memorian*) e a Maria Alves de Sá Araújo Maciel, pois foram meus pais que plantaram as raízes que me sustentam até aqui.

Gratidão a Hávila Luz e a Miguel, Antônio, Joaquim, Pedro e Manoel. Meu esposo e meus filhos são o motivo pelo qual existo. Meus filhos vêm me ensinando a inclusão inocente e pura de um pequeno coração.

Gratidão a Lucinha, minha irmã preciosa e luz na minha vida. Sua existência exala uma grandeza que não explico, apenas vivo.

Gratidão à equipe preciosa do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Univasf: Fátima Paixão, Milton Carvalho, Getro Reis, Davi Lima, Lisandra Alves, Tailane Brito,

Ely Vieira. Eu devaneio e vocês realizam. Muito obrigada pela tradução desse livro para Libras e pelas audio-descrições das imagens que aqui estão.

Gratidão a Olivenildo Frazão pela preciosa capa; a Guilherme Rodrigues pela sensibilidade das ilustrações; as queridas Geida Cavalcanti e Euzenita Falcão pela revisão geral do do texto; a amiga Josenice Barbosa pelo linda voz na versão narrada do livro, a Valdir Ligo e Raquel Lopes pelas contribuições na tradução em Libras; a Keisy Vieira pela canção *Inclusão começa em Mim*.

Gratidão a equipe da TV Caatinga, particularmente ao querido colega Jaldo Lopes por todo auxílio nas gravações e filmagens que possibilitaram os recursos de acessibilidade desse livro.

Gratidão aos que tanto me ensinam. Durante estas mais de duas décadas, eu não teria aprendido sobre inclusão se não fosse a gama de amigos e amigas (com e sem deficiência) a me ensinar. E aqueles que nos ensinam, merecem nossa mais profunda gratidão e reconhecimento. Aqui, registro alguns que foram fundamentais em meu percurso: Manoel Aguiar, Hélio Araújo, Sirlene Caxias, Ana Paula de Sousa, Socorro Freitas, Rosenilda Amariz, Jeanderson (*in memorian*), Helayne Cardoso, Patrícia Bonfim, Antônia Ângela de Sousa, Afrânia Pereira, Joelma Silva, Rosilene de Sousa (AAMAVASF), Josicélia Alves, Erika Epiphanio, Roseana Pacheco, D. Sandra Campos. Boa parte do que aqui está registrado veio das vivências, experiências e aprendizado com vocês.

Gratidão a você, que agora fará a leitura do que aqui está!

*Assim, em tudo, façam, aos outros, o
que vocês querem que eles lhes façam...
(Jesus, O Cristo)*

Sumário

Prefácio | 13

Apresentação | 16

Crônicas Inclusivas | 19

Inclusão começa em Mim | 21

Sentindo na Pele | 24

Lugar do Politicamente Correto é no lixo | 27

Eu prometo ser sem vergonha | 32

O que vem à mente? | 35

Era uma entrevista (nada) inclusiva... | 37

Todos temos uma história com a deficiência | 39

Com verbas e marretas mudamos prédios, mas não mudamos corações | 42

O que é deficiência? (modelo biomédico/modelo social) | 45

Afinal, como deve chamar? | 48

Perdi a oportunidade de ficar calada | 52

Você pensa em Libras? | 54

Todo humano tem uma via de acesso | 57

Porque meu filho também é gente | 61

Sobre a experiência que minha existência não conhece eu me calo	64
Não fique assim não. Eu estou vivo	68
Meu irmão é surdo, mas eu nunca aprendi Libras	71
Eu quero saber, o que a senhora vai fazer pelos alunos com deficiência?	73
É possível poder fazer o que quiser, porque deficiente é?	75
Ele não tem braços e daí?	77
Deficiência e Sexualidade: quem sabe a verdade?	79
Inclusão faz-se com honestidade e humildade	83
Parece que seu filho nasceu com problema...	86
Inclusão não é caça as bruxas... inclusão é ganhar as bruxas	89
O pacote de fraldas, a caneta e o Braille	91
A angústia de querer falar e não poder	93
Por que Saúde em Libras?	95
Obras de arte para cegos	100
Universidade Capacitista?	102
Micos inclusivos, pois é rindo que se inclui	105
Corrija-me, sempre que preciso for!	107
Adolescente surda esquizofrênica?	109
Ela é surda e é louca... será?	113
Adolescência, surdez e abuso	115
É surdo, mas é tão bonito...	120
O cinema, a amiga e a deficiência	123
E cego sabe dizer onde mora?	125
O aniversário, a amizade... a diversidade	127
Um amigo cego, um amigo surdo, e agora?	130
O abraço de aniversário	132
O brincar, o lego e a inclusão	134
Música e comunidade surda	136
Deficiência Circense? Como assim?	138
A aluna, a deficiência, o aprendizado	141

Textos Poéticos | 143

Profissional para quem? (em defesa do que denominamos Práticas Profissionais Inclusivas) | 145

A menina... o abuso...o gemido...a descoberta | 147

Hora da notícia... e agora? | 150

Diagnóstico | 152

O Mestre, o Discípulo e a Deficiência | 154

Eu mostro meu filho... eu mostro minha filha | 156

Inclusão nossa de cada dia... | 158

Voe minha cadeira... voe... | 160

Inclusão | 161

Partida | 162

Descansar é preciso... | 163

A mãe, os dois filhos e a cadeira! | 164

Minha profissão... Minhas mãos... atendimento acessível então! | 166

Transformação | 169

Constatações | 174

Existência | 176

Quem cabe na sua diversidade? | 177

Últimas Palavras | 180

Prefácio

Muito se fala sobre inclusão nos dias de hoje, mas pouco se sabe na prática o que é. O fato de não ter em casa uma pessoa com deficiência, não impede de entender onde a inclusão deve começar. A inquietação, no ver e não se conformar, fez a autora tirar, do nosso dia a dia, vivências que impedem a verdadeira inclusão acontecer. Mas o que é inclusão? Nos textos desta obra, o leitor vai se identificar com diversas circunstâncias que acontecem o tempo todo e que, com o conhecimento, podemos mudá-las e, muito mais do que isso, ensinar, para nossas crianças, como conviver e respeitar as diferenças, desde quando as primeiras relações sociais iniciam-se. Mudar também a mentalidade dos gestores públicos, cobrar deles o papel fundamental de priorizar tudo o que promova a inclusão fora do papel.

Do que adianta ter uma vaga para cadeirante no estacionamento do shopping, se quem a está usando é uma pessoa sem deficiência, que parou ali com a desculpa de que é ‘bem rapidinho’? Não são os cadeirantes que são deficientes, mas, sim, o mundo que é deficiente e as pessoas

que não estão preparadas para as diferenças. O livro faz reflexões importantes sobre o capacitismo, a importância da Libras, sexualidade, atendimento médico e educação. São verdadeiras lições que nos transformam com a leitura.

O livro também é fundamental para as pessoas com deficiência e suas famílias. Muitas vezes, a exclusão começa em casa. Mães de crianças que nascem ou adquirem alguma deficiência, costumam autodenominarem-se “mãe de criança especial”, ou seja, se tiverem outros filhos em casa, esses filhos sem deficiência serão o quê? Todos os filhos são especiais e, quando nós destacamos que alguém é especial exclusivamente por ter a deficiência, infelizmente isso já é capacitismo. Pessoas são especiais, tenham ou não deficiência.

Mudar conceitos, falas, visões para transformar. Só assim podemos trazer um novo olhar dessa realidade tão dura e difícil para as pessoas com deficiência. Parece que quem nasce com alguma deficiência, vem junto uma sentença de morte. Para que viver? Quando na verdade, precisamos mudar o mundo, quebrando, não só as barreiras físicas, mas também as não físicas, nas relações cotidianas. Mudar o nosso vocabulário, mas também sermos agentes de transformações. Começar de dentro para fora... por isso, que a inclusão começa em mim primeiro e não em você.

Portanto, cuide! Vá devorar essas páginas e começar a colocar em prática todo aprendizado de uma autora que entendeu que gente é gente e, por isso, instituiu, desde cedo, na sua própria vida e de seus familiares, alunos, colegas e toda sociedade, conceitos e práticas para fazer, da

inclusão, uma vacina que previne doenças tratáveis, como a exclusão, o preconceito e o capacitismo.

A obra 'A inclusão começa em mim' precisa ser adotada em escolas, faculdades, universidades e, principalmente, dentro de casa. Uma leitura indispensável para todos!

Lara Cavalcanti

Jornalista, mestra em educação, comunicadora, escritora, apresentadora do programa Viva na rádio Petrolina FM, casada com Bruno, mãe de Caio, mãe de Joana que nasceu com uma doença rara e virou anjo.

Apresentação

*N*uma madrugada dessas, que o sono vai embora e as reflexões chegam à alma, pus-me a pensar porque não escrever e trazer, a público, tudo que tenho aprendido ao longo de mais de duas décadas de trabalho em inclusão e acessibilidade; tudo que vem sendo partilhado e vivido no projeto INCLUSÃO COMEÇA EM MIM. Desse modo, nascia o primeiro livro Crônicas Inclusivas.

Iniciei meus trabalhos em inclusão no ano de 1999, quando estava no primeiro período do curso de Psicologia na Universidade Católica de Pernambuco, fazendo meu primeiro curso de Libras. De cara, a primeira coisa que percebi é que a convivência com a comunidade surda revelava-me: quanto mais estava entre eles, mais meus preconceitos vinham à tona, mais forma assistencialista de lidar com eles mostrava-se.

Durante todos esses anos, que venho trabalhando com inclusão, vi e vivi muitos acontecimentos na sociedade, no segmento de pessoas com deficiência, no ambiente de trabalho, mas principalmente em mim. Sim! Posso dizer que me vi de verdade, *nua e crua*, no convívio diário com as pessoas com deficiência. Experiências alegres, tristes, exitosas, frustrantes; o que percebi é que a cada ação, a cada ato eu conhecia-me realmente. Cada pessoa com deficiência

que tive acesso, tinha *o dom* de me evocar, de me mostrar quem sou e de trazer, à tona, o lado mais horrendo que eu carregava: meu famigerado capacitismo.

Foi dessa forma que aprendi a fazer inclusão. Foi desse jeito simples, porém prático, que como um quebra cabeça, eu ia encaixando as peças e percebendo a urgência de se começar a incluir por mim. Na verdade, eu percebi que toda a acessibilidade arquitetônica é fundamental, mas para ser sincera, o que precisamos ainda, com urgência, é ter corações acessíveis

Desse modo, a obra INCLUSÃO COMEÇA EM MIM: crônicas inclusivas vem a público, com o simples intuito de mostrar que a efetiva inclusão social de pessoas com deficiência, não é algo alheio a nossa história, mas é um compromisso de cada um de nós. Assim segue aqui o registro de algumas experiências que me chegaram ao longo desses mais de 20 anos trabalhando com inclusão. Algumas situações eu vivi; outras eu ouvi; outras foram relatos de mãos feridas pela sociedade; outras eu chorei profundamente, e cada uma delas foi, para mim, melhor professor que pude ter. Cada vivência me ensinou o que nenhum outro lugar havia me ensinado, nem mesmo aqueles onde o conhecimento é algo instituído. Desse modo, aprendi em inclusão a olhar os fatos da vida real ao meu redor, contemplar suas urgências e me questionar: O que pode ser feito? Por meio desse questionamento, muitos projetos, ações, eventos foram realizados, mostrando que *a realidade dita o feito* e não o contrário.

Cada crônica foi escrita muitas vezes a partir de um fato real, um episódio, um projeto, um diálogo cotidiano. Cada uma delas remete-nos a enorme barreira atitudinal que ainda se ergue em cada um de nós e, portanto, em toda

sociedade. Cada crônica foi escrita em linguagem coloquial, de modo simples, para que todos os leitores compreendam que *incluir é simples, preciso e possível*. Ao final de algumas crônicas, deixamos o que denominamos *princípio inclusivo*, algo que podemos realmente pôr em prática em nosso dia a dia. Aqui, também apresento alguns registros poéticos, pois a poesia é meu refúgio, meu alento, meu sustento. Quando algo me dói de modo profundo e não sei o que falar ou mesmo o que fazer, eu *poetizo*. E aqui não foi diferente. Às vezes a notícia, a partida, a violência eram-me tão doídas, que a saída era trazer, em versos, a brutalidade vivida.

Ao longo do livro, alguns escritos foram devidamente ilustrados, um misto de sensibilidade e visibilidade ao que aqui está posto; todas as ilustrações foram feitas em grafite preto e acima de cada uma, em negrito, está a devida áudio-descrição, o que a torna acessível a toda condição, como também dissemina esse conhecimento. Nas ilustrações, desafio você, leitor vidente, a primeiro apropriar-se da descrição e só depois olhar a imagem.

É muito comum ainda vermos soluções inclusivas postas nos outros, não em nós... É muito comum vermos as pessoas, de modo geral, quererem incluir por meio de soluções que implicam o mundo inteiro, porém as deixam de fora. Com certeza, muito avançaríamos se entendêssemos que, do começo ao fim, INCLUSÃO COMEÇA EM MIM...

Espero que a leitura dessas crônicas evoque-lhe, assim como durante todo esse tempo venho sendo evocada. Que por meio delas, você se reconheça em sua percepção real e verdadeira acerca das deficiências... e assim, ao se reconhecer, você torne-se um agente inclusivo efetivo e de fato... Boa leitura!



Crônicas Inclusivas

Áudio-descrição: “Sobre fundo preto, abaixo de um arabesco dourado, em letras brancas: Crônicas Inclusivas”.

Inclusão começa em mim

A pós mais de vinte anos de trabalho e de vivências em inclusão, comecei a me questionar por que, no Brasil, ainda não desfrutamos de processos sociais efetivamente inclusivos? Se temos uma legislação exemplar, se temos uma gama de políticas públicas voltadas para esse público, se temos a mídia como aliada, por que ainda não avançamos o quanto deveríamos para ser de fato uma sociedade inclusiva? Após anos de reflexão, a compreensão veio-me, ainda não somos inclusivos porque *inclusão começa em mim*. Isso mesmo. Inclusão não é problema da sociedade (uma das coisas que mais escuto nas formações e cursos que ministro); inclusão não é responsabilidade apenas do poder público, *inclusão é um processo que começa no meu e no seu coração*, na minha e na sua vida. Ufa! Finalmente eu havia chegado a uma resposta.

Conforme mencionei na introdução, eu trabalho assim: a realidade suscita um questionamento, eu trago-o para o âmbito das ideias e assim espero ter a resposta. Ao me deparar com a resposta, outro questionamento brutal ergue-se: Agora o que deve ser feito? Tinha a resposta para o fato de ainda sermos tão excludentes. A resposta *inclusão começa em mim*, trouxe profunda inquietação:

Se essa inclusão efetiva começa em cada um, o que deve ser feito para que ela realmente ocorra? Confesso que, até agora, não tenho uma resposta exata, pronta, mas temos lançado mão de alguns recursos no intuito de avançarmos com nossas próprias vidas, naquilo que costumo denominar como práticas sociais inclusivas. Aqui, penso eu, cabe uma definição: *práticas sociais inclusivas significam que toda e qualquer ação da vida em sociedade deve ser inclusiva e acessível às pessoas com deficiência. Significa que tudo que rege uma sociedade deve atender a humanos tenham ou não deficiência.* Não é apenas um lado da nossa sociedade, é absolutamente TUDO. Por exemplo, uma coisa que ainda observo, geralmente quando falamos em inclusão, a maioria das pessoas pensa logo na educação, nas escolas, no ensino, o que é muito importante; mas se falamos em sexualidade e deficiência ou pessoas com deficiência no cinema, isso traz logo espanto e questionamentos. É isso que é preciso ser transformado em cada um de nós.

Nesse sentido, como seria essa inclusão que começa em mim? Agora gostaria de convidar você, na companhia dessa leitura construtiva, a fazer um breve exercício. Pegue papel e caneta (ou meio digital) e registre o que se pede nos passos a seguir:

ETAPAS: INCLUSÃO COMEÇA EM MIM

*** Situe a deficiência em sua história de vida** (Como a deficiência chegou para você? Quando teve acesso a alguém com deficiência? Quem lhe falou sobre essa temática? O que lhe falou? Como esse tema atravessa sua história pessoal?)

*** Localize e (re)conheça seu preconceito** (Aqui quanto pior melhor! Saia do armário. Assuma a compreensão que tem acerca das deficiências, sua visão, concepção, receios, dúvidas, estereótipos, sentimentos). Uma dica para essa etapa: quanto mais sincero (a) você for, mais próximo (a) estará da proposta *Inclusão começa em Mim*.

*** Aprenda com seu capacitismo a ser antipacitista.** (Agora que já conhece o que de fato constitui, em se tratando das deficiências, use isso para ir além e ultrapassar a si mesmo, aprendendo algo novo). Use então o seu capacitismo para se tornar antipacitista; afinal, não há problema em ter preconceito, o grande problema é permanecer nele.

Ao seguir esses passos, certamente terá acesso a um dos maiores impedimentos à sociedade inclusiva: você mesmo! Ao seguir esses passos, poderá identificar, em si, o que de fato impossibilita a sociedade a ser inclusiva e acessível.

Princípio Inclusivo:

Inclusão efetiva não se faz com narrativas, mas com o atentar às vistas acerca da minha potência capacitista... E se eu capacitista sou, negar não resolverá, por favor... Assim, saia rápido do armário e aceite, com humildade, pois só com honestidade teremos inclusão social de verdade!

Sentindo na pele

Em meados do ano de 2013, eu ministrava a disciplina Psicologia e Pessoa com Deficiência, na graduação de Psicologia; os alunos estavam empolgados, tudo era novo para eles; queriam sempre saber mais, queriam entender o que deviam fazer. Numa aula, veio-nos a ideia “vamos fazer uma ação diferente na universidade, vamos convidar as pessoas que circulam no campus para experimentar cadeiras de rodas, usar vendas e bengalas, conversar em Libras e Libras Táteis”. Prontamente, eles aceitaram o desafio e assim nascia o Sentindo na Pele: vivencie uma realidade que não é a sua.

Numa manhã, montamos três *stands* em pontos estratégicos do campus e demos início ao primeiro Sentindo na Pele. Após passarem pelas experiências, os participantes foram convidados a deixarem o registro do que sentiram. As reações foram as mais variadas e os registros também. Ainda me lembro de uma colega que usou a bengala para cima e quase acertou a testa de outro. Já outra colega, quase bateu um uma pilastra. Os registros escritos também foram muito marcantes, em sua maioria, traziam relatos marcadamente negativos, mostrando o horror que havia sido evocado nos participantes, caso tivessem uma ou outra deficiência; uma coisa foi marcante, todos apontavam o valor e a importância da ação.

Meses depois, enquanto aguardávamos o voo no retorno de uma viagem de trabalho, veio-nos a ideia de tornar o Sentindo na Pele um projeto da universidade, um projeto contínuo de ação e impacto. Teve início o Sentindo na Pele nos eventos da universidade. A ideia era que todo evento acadêmico tivesse essa ação como uma espécie de boas-vindas aos participantes. Para nossa surpresa, esse trabalho foi amplamente aceito dentro e fora do meio acadêmico. Cada vez mais, recebíamos pedidos para que esse fosse realizado. Tudo parecia estar perfeito, ledão engano!

Em 2017, chegou, à universidade, um colega cego e logo se integrou ao Sentindo na Pele; experimenta, gosta e até elogia; um dia, em um bate-papo descontraído, ele me pergunta:

– Como é mesmo que você faz o Sentindo na Pele?

– Ah, eu pego pesado. Mostro às pessoas como é difícil, como é sofrido, tem vezes que faço o maior terror para elas, sobre como é a vida da pessoa com deficiência. Respondi completamente empolgada.

– Meu Deus, você está fazendo errado! Com essa postura, você reforça o preconceito. Você reforça a ideia de que nossas vidas são tragédias. – Disse ele.

Perplexa com tão óbvia constatação eu respondi:

– Você tem toda razão! O que devemos fazer?

Mansamente ele responde:

– Que o Sentindo na Pele mostre nossas possibilidades e não nossas limitações!

Xeque-mate! Era isso mesmo. Ele tinha completa razão. Após tão proveitoso diálogo decidimos (nós dois) que o projeto seria *Sentindo na pele: experimente quão tranquilo é ser deficiente*. Nesse novo modelo, a proposta era não focar

nas dificuldades, mas nos recursos utilizados pela pessoa com deficiência para ter melhor apreensão do ambiente.

O projeto, agora, de cara, visão e objetivos novos, segue alcançando um grande público, fazendo parte de ações acadêmicas e sociais. A dinâmica é simples e pode ser adotada por qualquer pessoa interessada em atuar em inclusão.

Ainda nos deparamos com as mais variadas situações; os relatos hoje mesclam termos que vão do mais negativo ao inicialmente positivo. Lembro-me de um evento com a comunidade rural, em que um senhor olha para a cadeira de rodas faz o sinal da cruz e diz:

– Deus me livre dessa má hora de sentar nessa cadeira!

Por outro lado, há situações em que as cadeiras e as vendas são muito disputadas e viram motivo de alegria e brincadeiras. Durante todos esses anos, o que vimos é o impacto e o aprendizado real que esse projeto provoca em seus participantes. E você? Já pensou quão tranquilo é ser pessoa com deficiência? O que pensa sobre esse tema?

Princípio de Inclusão:

- Paremos de apresentar os aspectos sempre marginalizados da deficiência (tragédia, dificuldade, tristeza, limitação, etc.) e apresentemos a diversidade da vida inserida nela.

Obs.: Os estudos em inclusão e acessibilidade não são estáticos, mas seguem em permanente movimento de construção e reconstrução. Diante disso, a percepção que tínhamos, inicialmente, sobre o projeto Sentindo na Pele, foi modificando-se e hoje compreendemos que não se faz pertinente realizá-lo; ele foi útil em dada medida, porém hoje já podemos lançar mão de novas ações, métodos e dinâmicas.

Lugar do politicamente correto é no lixo

Durante esse tempo que trabalho com inclusão, tenho realizado inúmeras formações, cursos, palestras, rodas de conversa ou simplesmente bate-papo. Ao dar início a esses momentos, geralmente pergunto aos participantes o que é inclusão ou o que eles pensam sobre pessoas com deficiência, e não é difícil escutar colocações que nos trarão reflexões:

- Professora, inclusão é coisa de governo.
- Eu considero inclusão muito importante, muito bonita.
- Acredito que todos nós devemos incluir.
- Ah professora, eles são gente como a gente! Afinal todos têm deficiência.

A cada encontro, com os mais variados grupos, chama-me atenção a preocupação das pessoas em *falar politicamente correto*. Muitas vezes elas estão tão tensas para falarem tudo certo, que o discurso assemelha-se, permitam-me a comparação, ao de um papagaio robotizado. Eles repetem fielmente o que ouviram, mas nem sempre entendem o que falam, ou essa mesma fala faz sentindo para elas mesmas. É o caso, por exemplo, de uma professora que nos disse, eu trabalho com eles, mas não convivo em nada com eles não.

Aqui, gostaria de abrir um parêntese para falar um pouco sobre os danos que o politicamente correto pode causar à inclusão. É notório que maior parte das instâncias sociais preconiza o politicamente correto, no entanto, até esse momento, considero isso uma tragédia; dia após dia estamos reforçando uma fala muitas vezes falseada, a camuflar o que realmente pensamos e sentimos. Falar bonito não significa avanço, o uso das palavras sem a vivência torna-as vazias e perdidas ao vento. Mas o problema não está no politicamente correto, o problema é que, a cada dia, os reforçadores sociais estimulam-nos a falar politicamente correto e não *a viver politicamente correto*. Esse abismo que vem mais separando fala e prática é o maior vilão. Em nossas vivências cotidianas, se pararmos para pensar e formos devidamente coerentes, veremos que não praticamos o que falamos, aliás, às vezes acho que sequer acreditamos no que estamos falando. Não é nossa fala que deve ser correta e coerente apenas, são nossas ações e práticas.

De novo me deparo com o velho esquema (já apresentado): realidade + questionamento + resposta + o que fazer. Nesse caso, a realidade é o discurso, o questionamento é o porquê dele, a resposta é aliar o mesmo discurso à prática e o que vamos fazer no campo das tentativas.

Uma coisa que tenho feito nesses encontros, em que me deparo com tal discurso, é pegar um pequeno cesto de lixo, pôr diante dos participantes e pedir, gentilmente, àqueles que tiverem coragem, que coloquem *o discurso politicamente correto no lixo!* As reações são inúmeras: alguns se sentem aliviados e o fazem imediatamente e outros se ressentem, acham absurdo abrir mão de um discurso construído por muitos, mesmo não coerente com suas práticas cotidianas. Em certa medida, todos aceitam despir-se da fala, da mera

fala, e assumirem seus próprios ditos. Isso se faz muito importante na prática de processos inclusivos efetivos; quando deixamos de lado o que nos disseram, para dizermos o que somos, seremos capazes de construirmos nossos próprios ditos aliados, se possível, a nossos feitos.

Nesse sentido, é como apalpar uma rosa pelo ramo cheio de espinhos. A linda rosa é o politicamente correto, enquanto os espinhos que a adornam, tudo aquilo de mais ferino que guardamos, escondemos, camuflamos, porém, constituem-nos.

Vou encerrar com um teste que fiz com um amigo cego. Certo dia, expus-lhe a seguinte situação: Vamos imaginar você diante de duas pessoas diferentes, a primeira, vai falar com você dentro do politicamente correto, a segunda não. A primeira vai lhe dizer o que geralmente se gosta de ouvir, a segunda vai ser dura, porém, honesta. A primeira vai chegar ao seu trabalho e olhar para você falar:

– Que coisa fantástica um cego trabalhando! Você é um grande exemplo de vida para mim. Hoje mesmo eu saí de casa reclamando da vida, mas ao lhe encontrar, você sendo cego, vi que não posso reclamar.

Já o segundo, vai abertamente falar:

– Olhe, eu estou com muita dificuldade de aceitar um cego trabalhando aqui. Não faço a menor ideia do que você faz nesse lugar.

Perguntei ao meu amigo qual dos exemplos era-lhe mais agradável. Não foi minha surpresa, ela respondeu prontamente:

– O segundo.

– Por quê? – perguntei.

O primeiro foi bom de ouvir, mas ficaria nisso. Já o segundo, apesar de ser doído ouvi-lo, dar-me-ia a chance de dizer, sente-se aqui para eu lhe mostrar como trabalho – ele respondeu com a devida sensatez.

A fala do segundo, portanto, abriria uma porta para que a inclusão efetiva fosse processada. O primeiro já vinha equivocadamente 'pronto'.

Convidei-o a um desafio: jogue seu discurso politicamente correto fora, assumo-se e veja o que acontece.

Princípio de Inclusão:

- Há que se entender que apenas teorização não faz inclusão; o que faz inclusão é ação. Teorizar e não praticar, em nada nos ajudará a efetivamente mudar...

Áudio-descrição: Mão segurando uma rosa pelo caule com folhas e espinhos. Ao fundo uma pequeno cesto de lixo.



Eu prometo ser sem vergonha

Seguindo os objetivos da formação INCLUSÃO COMEÇA EM MIM, fizemos outra dinâmica, aliás, fizemos várias, como serão apresentadas ao longo das crônicas; pedimos aos participantes que ficassem todos de pé, levantassem a mão direita e repetissem comigo: EU PROMETO SER SEM VERGONHA. Esse momento normalmente é marcado por muito riso e descontração, pois os participantes não fazem ideia do que vem pela frente. Prometer ser sem vergonha é uma forma de estimular, em cada um, a capacidade de falar o que de fato compreende, o que pensa em relação à pessoa com deficiência.

Nesses momentos, normalmente, faço-me autorreferente, conto minhas próprias experiências. Uma delas, era o hábito que eu tinha de toda que vez que era apresentada a uma pessoa surda, precisar dizer o quanto ela era bonita, mesmo que não fosse. Um dia, dei-me conta que não fazia isso quando era apresentada a ouvintes; Por que então fazia com a comunidade surda? E assim, com meus próprios exemplos, estando eu mesma sem vergonha de meus deslizes excludentes, vou estimulando os participantes a falarem.

A partir de agora, convido-o ao exercício de falar o que realmente pensa diante dos dois exemplos que seguem:

Vamos imaginar que estamos num evento cultural muito importante, com muitas pessoas. Nesse evento, há uma mulher extremamente bonita, dentro de todo miserável padrão de beleza contemporâneo, e ela vem chamando atenção de todos no evento. Ao olharmos melhor, vemos que é casada com um usuário de cadeira de rodas, com sequelas de paralisia cerebral. O QUE PENSAMOS, DE FATO, QUANDO VEMOS ESSE CASAL?

Imaginemos, agora, um casal muito querido, de elevado nível intelectual, bem sucedido profissionalmente, porém está com dificuldades para engravidar. Após anos de tratamento, finalmente ela engravida e a criança nasce com uma deficiência severa. Novamente, O QUE PENSAMOS, DE FATO, QUANDO FICAMOS SABENDO DO NASCIMENTO DESSA CRIANÇA?

A franca resposta que nos veio e que, geralmente, só nós sabemos, não temos sequer a honestidade de expor, situa o lugar da deficiência em nós.

Após a descontração inicial, os participantes conseguem perceber-se realmente diante das situações acima. Na primeira, ouço coisas como:

– Ele é rico!

– Ela é louca. Interesseira.

– Ah não, professora, quando ela se casou com ele, era normal. Daí ele sofreu acidente e ela, por pena, não o abandonou.

Essas e outras tantas respostas dizem muito sobre nós e o lugar da deficiência em nossa história (abordarei melhor este tema em outra crônica). Citando o jargão popular, seria cômico se não fosse trágico, tais colocações mostram que, para a maioria das pessoas, estar diante de um casal assim é tão estranho, que é necessária uma explicação

lógica que justifique a união dos dois. Um pequeno exemplo, porém denunciando grandes coisas.

Na segunda situação, não é diferente:

– Ah, professora, como uma coisa dessas acontece logo com eles?

– Essa criança tem uma sorte danada de ter pais assim.

– Professora, posso mesmo ser sincero na minha resposta? Quando a senhora terminou de falar eu pensei assim, minha nossa tem tanta gente ruim no mundo, por que foi acontecer logo com esse casal?

Analisemos somente essa última resposta. Essa me trouxe grande impacto: a associação da chegada de um filho com deficiência, como reparação para atos ruins que os pais tenham praticado. Impressionante como as respostas mostram a relação feita entre deficiência e tragédia, castigo, menos valia e tantos outros significados.

E você? O que suas respostas lhe mostraram? O que elas dizem de sua compreensão despida de vergonha acerca dessas pessoas?

Princípio Inclusivo:

- Procure acessar a você mesmo, no tocante às suas concepções mais profundas sobre deficiência. Feito isso, avance, vá além e aprenda com o que cada existência tem.

O que vem à mente?

*T*ratar de inclusão é, antes de tudo, falar (expor) o que habita em nós sobre seu oposto - a exclusão. Comumente, em ações e trabalhos sobre pessoas com deficiência, instigamos os participantes a falarem sobre o que pensam, de fato, sobre o tema. A princípio, é muito comum encontrarmos as mais variadas resistências, apresentadas por meio de um discurso supostamente polido e pautado em respostas prontas. É comum falarem-nos:

– Todos somos deficientes!

– Nossa deficiência é interna, a deles é externa!

Será mesmo que pensamos, ou melhor, pautamos nossas vidas nessas perspectivas? Ou seriam elas mais recursos do dito *discurso politicamente correto que, entre outras coisas, serve para maquiagem nossa vida politicamente incorreta?*

Com o intuito de irmos mais a fundo, solicitamos que seja pensado e, se possível, falado, o que “realmente” vem à nossa mente quando escutamos palavras como: deficiência, cego, surdo, síndrome de Down, paralisia cerebral.

Em geral, todos nós sentimos profunda vergonha de trazermos, a público, nossas impressões reais; uma

das formas de defendermo-nos dessas ditas impressões é falando o que não é nosso, o que está posto e pronto.

Não raras vezes, aqueles que elogiaram a deficiência e a localizaram em si, de modo assistencialista, terão a coragem de, efetivamente, trazerem o que os habita. Assim vamos escutar:

– Sinto pena de pessoas com deficiência!

– Eu preferia morrer a ter uma deficiência.

– Não. Eu mesmo não queria ter um filho com deficiência.

E você? O que vem a sua mente quando pensa em pessoas com deficiência?

Saiba que ter consciência do que realmente você pensa sobre elas, é meio caminho andado para que seja uma pessoa de fato inclusiva.

Era uma entrevista (nada) inclusiva...

Em nossa trajetória inclusiva, já recebemos inúmeros estudantes dos mais variados graus de conhecimento. Alguns chegam tímidos, pois desconhecem o universo da inclusão de pessoas com deficiência, outros já chegam mais curiosos, já leram e discutiram sobre. Outros, ainda, vêm um tanto arrogantes, com a postura de que *todo o mundo deve incluir, menos eles*.

Um desses encontros aconteceu de modo curioso. Ele era estudante de graduação e precisava fazer um trabalho para a faculdade, queria saber o que a universidade estava fazendo para incluir alunos com deficiência. Havia mandado-me alguns *e-mails* e, finalmente, conseguimos marcar um horário. Chegou pontualmente, caderno, caneta e celular, na mão, para gravar. Ainda em pé a minha frente, ao se apresentar, pergunta em tom sério:

– Professora, seja franca, a universidade é totalmente inclusiva?

Respiro fundo e logo penso, lá vamos nós outra vez.

– Meu querido, por favor, sente-se. Deixe-me lhe perguntar uma coisa: você é inclusivo?

Olhou-se com ar de espanto e nada respondeu.

– Estou lhe fazendo uma pergunta. Se puder, responda-me. Você é inclusivo? Se você tiver um colega

cego, levará para sua casa para estudar com você? Se você tiver um colega surdo, saberá se comunicar com ele?

Agora mais relaxado, ele me olha, baixa os ombros e calmamente diz:

– Não professora. Eu não faria nada disso. Eu não sou inclusivo.

Dessa vez, não resisti em minhas colocações:

– Então meu querido, você não é cem por cento inclusivo. Eu não sou. A universidade não é, nem muito menos a sociedade... Agora podemos conversar com maturidade e respeito sobre o que a universidade vem fazendo...

Assim, de olhar atento e curioso, ele foi fazendo perguntas e tomando conhecimento do que, de fato, vem sendo realizado para que alunos com deficiência tenham o devido acesso ao que todo aluno tem.

Ao findar a entrevista, agora com um aspecto singelo e muito mais sereno, ele diz:

– Obrigada professora. A senhora foi a única entrevistada a ser honesta e verdadeira no que diz e ao apresentar o que faz. Eu não esquecerei suas palavras, pois eu também preciso ser inclusivo.

Princípio Inclusivo:

*- Inclusão não se faz com maquiagem descarada...
inclusão faz-se com honestidade escancarada!*

Todos temos uma história com a deficiência

*B*oa parte da minha infância foi em uma cidade do interior muito querida. Daquelas cidadezinhas com tudo que povoa o imaginário infantil: brincadeiras de rua, banho de chuva, muitos amigos e família por perto. Nela, tinha a imensa catedral ao centro, com sua praça bem cuidada, seu coreto, suas festas e seus costumes.

Todos os domingos, ao soar dos sinos da igreja, dirigíamo-nos à missa e era um momento ímpar de encontrar aqueles que vinham da comunidade rural. Isso para não falar da movimentação que eram os dias de sábado, pois eram dias de feira livre na cidade.

A praça da catedral era um pedaço peculiar, lindo e fantástico aos olhos de toda criança. Lembro-me de uma época, que um dos jardineiros aproveitou duas pequeninas árvores que haviam crescido juntas e as podou em formato de pássaro. Como era bom passar por aquele pássaro-árvore e deixar a imaginação ir embora...

Nessa praça, também tinha um personagem que chamava atenção, especialmente nossa, crianças da época. Era um senhor forte, estatura mediana, meia idade e muito simpático. Estava sempre na praça, com suas vestes simples e seu grande chapéu de palha, numa tentativa de proteger-

se do sol escaldante do sertão. Uma característica, porém, chamava atenção de todos que o viam, principalmente as crianças, eu inclusive. O jardineiro simpático tinha uma deficiência em um dos braços, do cotovelo para baixo, pegando também a mão. Na visão de uma criança, era como se ele tivesse um bracinho ressecado, seco mesmo.

Foram muitos e muitos dias que eu passava de mãos dadas com papai ou mamãe e olhava para ele e seu braço, perguntando-me: O que teria acontecido? Por que ele tinha aquela parte do corpo dessa forma? Qual seria a explicação?

O braço deficiente não o impedia de trabalhar e cuidar do jardim com apreço e dedicação. Meus olhos infantis ficavam impressionados com a desenvoltura dele ao regar cada planta, tirar os galhos e folhas secas. Nunca o vi podar as plantas e, essa atividade, não sei se ele o fazia. Sei que segui com essa curiosidade de criança para saber por que um braço daquele jardineiro era daquela forma.

Qual não foi minha surpresa, um dia, em casa, tive a resposta ou, pelo menos, a suposição para o ocorrido com o jardineiro. Naquela manhã eu havia discutido com minha irmã, diga-se que brigávamos como gato e rato, embora nos amássemos profundamente. Ao ser advertida por mamãe, eu retruquei-a de modo petulante e desobediente, foi quando escutei:

– Não faça isso! Não fale assim comigo! Sabe aquele senhor que cuida lá da praça? Aquele do bracinho seco? Ele ficou daquela forma porque desobedeceu à mamãe.

Pronto! Estava feito o registro. A resposta havia chegado, a explicação era por meio de castigo e punição. Naquele momento, eu havia registrado, inconscientemente, a associação entre deficiência e castigo, deficiência e punição, deficiência e coisas ruins. Essa foi a primeira

localização da deficiência em minha história de vida.

E você? Consegue lembrar quando e como a percepção da deficiência lhe chegou? Qual registro ficou para você a partir dessa percepção?

Princípio Inclusivo:

- Apesar de nossa bagagem sócio-histórica, é preciso dissociar, de modo urgente, o nascimento de uma pessoa com deficiência ou a aquisição dela a algo trágico, danoso e punitivo.

Com verbas e marretas mudamos prédios, mas não mudamos corações

*H*á um ponto crucial em inclusão que ainda confunde muita gente, a gritante diferença entre acessibilidade arquitetônica e acessibilidade atitudinal. Existem outros tipos de acessibilidade, mas aqui nos deteremos nessas duas.

A acessibilidade arquitetônica está atrelada ao espaço físico; atende normas e diretrizes específicas e diz respeito à adequação dos espaços sociais, de modo a respeitar o direito de ir e vir de toda pessoa com deficiência. Exemplos de acessibilidade arquitetônica são rampas, piso tátil, banheiro adaptado, etc. Já a acessibilidade atitudinal diz respeito à forma como compreendemos, vemos e convivemos com pessoas com deficiência.

Comumente somos questionados acerca da acessibilidade arquitetônica nos mais variados meios sociais. Ainda é muito comum depararmos com pessoas indignadas com as ruas que não são acessíveis, os bancos, as praças, as praias e por aí vão.

Certa vez, em um encontro com profissionais com deficiência, resolvi testá-los. Disse a eles que colocaria duas situações e gostaria de saber deles, que já estão no mercado de trabalho, o que preferiam.

A primeira situação foi: vamos imaginar que vocês trabalham numa empresa totalmente adequada e dentro das normas da ABNT 9050¹. Nessa empresa, todo espaço físico é adaptado e acessível à qualquer pessoa com deficiência; por outro lado, os colegas não o veem como pessoa, mas como alguém com incapacidades. Eles têm sérias dificuldades de conviver com o outro, vez por outra furtam a chance de trabalhar ou fazem as coisas por você, acreditando que sua deficiência impede-o de fazê-las.

Agora vamos pensar numa situação oposta. Vocês estão numa empresa que atende pouco ou quase nada da ABNT 9050. Há muito que ser melhorado. Os banheiros adaptados, vez por outra apresentam problemas e geralmente demoram mais tempo que os demais para serem consertados. As rampas mais parecem uma pista de rali, que um trecho acessível, porém seus colegas de trabalho parecem estar avançados. Tratam vocês como todo colega é tratado, têm a chance de competir e participar de ações da empresa como qualquer colega e ainda há aqueles que, por não terem deficiência, aproximam-se e querem aprender com vocês.

Falando honestamente, qual das duas situações vocês preferem? Após alguns segundos de silêncio, qual não foi minha surpresa, de modo unânime, todos disseram que era óbvio que preferiam a segunda situação.

Essa colocação, de modo algum, trata com menos importância a acessibilidade arquitetônica, pelo contrário, ela é necessária, urgente e primordial, porém há que se convir, se tivermos verbas e marretas tornamos um ambiente acessível, mas verbas e marretas não modificam corações.

1. ABNT 9050 - Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.

Há que se mencionar que não há ABNT para a acessibilidade atitudinal. Não há normas técnicas que atuem no coração e na alma de cada indivíduo que compõe a sociedade.

Assim é urgente atuarmos em acessibilidade atitudinal. É urgente pensarmos e vivermos de modo a ter corações acessíveis e mentes inclusivas.

Princípio Inclusivo:

- E você? Quais são suas atitudes cotidianas com pessoas com deficiência?

O que é deficiência? (modelo biomédico / modelo social)

Nos dias atuais, a definição de deficiência ainda é tema polêmico, pois traz inúmeras discordâncias e até mesmo polaridades. Para uns, deficiência é um “*problema*” do sujeito; para outros, é um problema da sociedade; e nessa espécie de pingue-pongue, segue-se sem que a maior parte das pessoas tenha, de fato, uma compreensão do que vem a ser deficiência. Para falar um pouco disso, vou utilizar uma pequenina histórica fictícia à guisa de ilustração.

O evento era imponente e muito esperado. Contava com a participação de grandes palestrantes, nomes prestigiados viriam, um vasto público era aguardado. Em meio a inúmeras atividades programadas, uma palestra destacava-se por ser a mais concorrida. Nela, um grande nome da pesquisa nacional falaria sobre um tema peculiar: a vida da pessoa com deficiência. Um fato, logo no início da fala, provocou certo desconforto nos presentes. O nobre palestrante definiu deficiência como falta, ausência, limitação em relação ao padrão esperado para condição de existência humana. A definição trazida implicava na norma

imposta ao corpo com deficiência. Dentro desse conceito, é o corpo do sujeito que possui uma disfuncionalidade, estando, nele, os limites para um bom funcionamento. No meio da palestra, ouve-se uma voz, era João, usuário de cadeira de rodas:

– Doutor, com licença, desculpe o incômodo, gostaria de fazer uma pergunta: Quando eu cheguei aqui mal consegui entrar no auditório, pois não haviam rampas de acesso, tive que ser carregado nos braços por meus amigos, para estar sentado onde estou. Gostaria de lhe perguntar onde está a deficiência nessa situação?

Antes que o nobre palestrante respondesse, outra fala ergue-se, era Pedro que é cego:

– Doutor, também quero perguntar. Todos os participantes dessa importante palestra receberam resumo impresso, mas como não havia disponível em Braille, nem em meio digital, eu estou até agora sem acesso aos tópicos; um amigo está ao meu lado lendo. Outra coisa, o senhor citou, por três vezes, a imagem projetada no slide, mas como não a descreveu, eu também não faço ideia do que se trata. Nesses casos, poderia me dizer, também, onde está a deficiência?

Nesse momento, a plateia olhava pasma e fixa para o ilustre Doutor e todos achavam que ele responderia e a fala seguiria, no entanto, uma tradutora intérprete de Libras pega o microfone e diz:

– Meu nome é Jessica, sou surda desde que nasci, esperei muito por esse evento, mas quando cheguei soube que não teria intérprete, por sorte vim com uma amiga que está fazendo a tradução pra mim. Nessa situação, também gostaria de saber onde está a deficiência?

Fez-se um longo silêncio... Todo público olhava para o palestrante, professor doutor, aguardando a fala, o dito e a resposta. De repente, ouve-se um suspiro profundo, um ar de singela reflexão, o palestrante retira os slides, desliga o computador, olha para a enorme plateia atenta e diz:

– Meus amigos, com toda franqueza e honestidade, diante de tão pertinentes questionamentos de vocês, somente agora percebi, somente agora aprendi... a deficiência está na organização social erguida para as pessoas sem deficiência.

Seguem-se aplausos...

Esse episódio ilustra bem o que compreendo por deficiência... cada pessoa com deficiência tem sua especificidade, isso é fato, essa, porém, é maximizada em uma sociedade erguida em tudo para humanos sem deficiência. Enquanto acreditarmos que eles são limitados, não avançaremos... os limites são socioafetivos. Os limites estão em nossa sociedade e em nossos corações!

Princípio Inclusivo:

- Entenda de uma vez por todas: há uma sociedade erguida para humanos sem deficiência, sendo assim, esses corpos não têm problema em si, o problema que se apresenta é existir em um mundo que não os considera...

Final, como deve chamar?

Um dos questionamentos mais recorrentes da formação INCLUSÃO COMEÇA EM MIM diz respeito à nomenclatura. É recorrente escutarmos:

- Eu nunca sei como devo me referir!
- Quando a gente acha que sabe, aí vem alguém e muda tudo.
- Eu fico muito confusa com tantos termos.
- Às vezes eu falo com a melhor das intenções, aí alguém vem e diz que está errado.

A partir dessas colocações, damos início as nossas reflexões em grupo. Um princípio muito pertinente é compreendermos a nomenclatura, é entendermos a lógica que a anima e não apenas decorarmos um nome ou uma norma.

Começamos pelo termo especial, comumente utilizado para nos reportarmos às pessoas com deficiência. Constantemente vejo pessoas fazerem uso desse termo de modo pomposo e até orgulhoso. O termo é, em si, um adjetivo comumente associado a coisas boas, coisas que têm valor, porém, nesse caso, cabe uma breve reflexão. Quando uma aluna surda chega à sala de aula e, em poucos dias, todos os atores escolares a tratam por *aluna especial*, esse termo refere-se ao fato dela ser uma condição humana

única ou ao fato de que lhe falta a audição? Outro exemplo, quando um funcionário cego é contratado por uma empresa e os colegas de setor reportam-se a ele como o *colega especial*, esse adjetivo é atribuído-lhe por ser um funcionário exemplar, com qualidades e defeitos como qualquer outro, ou pelo fato de lhe faltar a visão? Se nossas respostas para legitimar o especial dizem respeito à ausência de algo nesses atores, à falta de um sentido ou mesmo à ausência de funcionalidade de um membro do corpo, preciso fazer-lhe um alerta: *não há nada mais cruel, que quem não tem deficiência faz com quem tem, do que adjetivá-los pelo que lhes falta.*

Se essa adjetivação, porém, diz respeito a uma relação de vínculo e afeto, aí sim o termo especial é cabível. Por exemplo, pais quando se referem a seus filhos, com e sem deficiência, como especiais, eles realmente o são, pois esses pais sabem que o filho com deficiência é especial por ser gente, por ser pessoa digna de todos os direitos e não por ser alguém faltante.

Imagino que essa colocação possa gerar algumas indagações e até mesmo certo desconforto, porém não é minha intenção; o que pretendo aqui é gerar uma simples reflexão sobre nossa cotidiana incapacidade de lidar com as diferenças, seja pelo viés da adjetivação, seja pelo viés do desprezo.

Outra nomenclatura que sempre nos chega é portador de deficiência, e essa cabe um exemplo. Um amigo cego, certa vez me advertiu, dizendo:

– Sempre que me chamam de pessoa portadora de deficiência, eu fico com a sensação de que, ao acordar, abro meu guarda roupa, pego a cegueira e coloco em mim.

Pronto! Saiu portando a deficiência. É bom pensarmos que as pessoas com deficiência não são portadoras desta, mas a deficiência a constitui e define, não enquanto marca segregadora, mas como marca identitária.

Uma nomenclatura ainda muito utilizada nos meios escolares é o portador de necessidades especiais. Essa é fácil refletirmos sobre ela, basta pensarmos: Portador de necessidades especiais em relação ao que? Ou mesmo, em relação a quem? Essa nomenclatura, quando circunscrita à pessoa com deficiência, preconiza um padrão de aprendizado no qual ela estaria fora, sendo, portanto, alguém com tais necessidades.

Finalmente, chegamos ao termo utilizado atualmente, que traz a carga sócio-histórica das lutas de todo um segmento: pessoas com deficiência. Sim! Pessoa em primeiro lugar, pessoa antes de tudo, pessoa com uma especificidade, uma identidade que a define como diferente, nem melhor e nem pior, apenas diferente. Por mais que alguns ainda questionem o uso do termo deficiência, o grande desafio que se tem pela frente é exatamente desvincular, do imaginário social, esse termo de toda carga negativa que historicamente lhe foi imposta; o desafio é associarmos deficiência à diversidade, à diferença, apenas isso.

Para encerrar, lembro-me de um episódio que outro amigo cego fora debochadamente questionado com relação a essa nomenclatura. Tentarei reproduzir o diálogo, tal como me chegou naquele dia:

– Veja só, toda essa história de inclusão é muito bonita, mas a gente fica muito confuso, vocês mudam os nomes toda hora, nunca sabemos como chamar. Afinal como eu devo chamar essas pessoas?

Bem humorado e espirituoso como sempre, meu amigo responde:

– Bem, é muito simples. Se a pessoa com deficiência já foi registrada, chame-a pelo nome!

Às vezes, nosso impacto diante da deficiência ainda é tão grande, que sequer lembramos que, com toda certeza, ela tem um nome pelo qual podemos chamá-la, como também, referirmo-nos a ela.

Princípio Inclusivo:

- Está mais que na hora de dissociarmos o termo deficiência daquilo que é trágico ou catastrófico; está mais que na hora de termos, na mente e no coração, a certeza de que deficiência é somente uma diferença... assim, chame cada pessoa com deficiência pelo nome que ela tem!

Perdi a oportunidade de ficar calada

Estávamos no aeroporto eu e um grande amigo que é cego. Um amigo desses que a gente leva para toda a vida. Um amigo que teve profunda influência sobre a forma como eu faço inclusão hoje.

Fui apresentada a esse amigo, quando ainda cursava a graduação em Psicologia. Lembro-me de como estava nervosa naquela manhã, pois ele já era um grande nome em inclusão da região onde morávamos. Depois desse primeiro contato, passei a acompanhar suas palestras, falas, trabalhos, entrevistas e sempre aprendi muito com ele.

Nesses momentos em que falava, muitas vezes era incisivo, duro, chegando mesmo a deixar a plateia suspensa, se poderia falar ou não diante dele. Eu ria de algumas de suas colocações, mesmo assim me preocupava com a forma como os expectadores ficavam.

Nesse dia em que esperávamos o avião, eu sentada ao seu lado, respirei fundo e criei coragem para falar, embora tivesse um medo tremendo, afinal ele era o grande expoente da inclusão e eu uma iniciante de aprendiz. Naquele momento, eu me perguntava: falo ou não falo? Quem eu

penso que sou para questioná-lo? Enfim, resolvi falar. Olhei bem pra ele e comecei:

– Meu amigo, não me leve a mal, tenho estado em suas palestras, em seus encontros; sua fala sempre me vira pelo avesso e isso me ensina a ser inclusiva de verdade, porém, uma coisa tem me preocupado muito: às vezes você é tão duro com a plateia, aliás, às vezes você chega a ser grosseiro até... isso constrange as pessoas.

Seguem-se alguns segundos de silêncio, eu suando frio com medo da resposta que viria, quando meu amigo respira fundo e diz:

– Minha querida, não me tome por grosseiro quando falo de modo mais incisivo, pois só eu sei o que é ser tratado a vida inteira, por aquilo que me falta e não por aquilo que sou.

Nessa hora, eu sorri e entendi rapidamente que perdi uma grande oportunidade de ter ficado calada.

Princípio Inclusivo:

- Paremos de tratar a pessoa com deficiência pelo que lhe falta e a tratemos como pessoa que é, afinal, um pedaço ou um sentido preservado é muito pouco para definir o todo que é uma condição humana.

Você pensa em Libras?

Certa vez, voltávamos de uma excelente feira em Inclusão, eu, um grande amigo tetraplégico e uma grande amiga tradutora/intérprete de Libras (TILS). Essa havia sido a viagem dos encontros e coincidências. Eu estava na entrada do imenso espaço onde ocorreria a feira, quando dou de cara com os dois. Foi aquela alegria, mais parecíamos três crianças em um parque de diversões. Aproveitamos tudo o que a feira trazia e oferecia; passeamos pelos stands, revemos velhos amigos, rimos muito e aprendemos mais sobre efetiva inclusão. Aqui cabe uma explicação: tenho usado o termo *efetiva inclusão para designar ações que dizem de inclusão verdadeira, que produzem mudanças e ocorrem na realidade da vida cotidiana.*

Após esse tão surpreso encontro, despedimo-nos e cada um foi para seu hotel. Qual não foi nosso susto, ao nos encontrarmos no aeroporto para embarcarmos no mesmo voo de volta para casa. A euforia das três crianças amigas foi tanta, que fizemos a maior confusão no *check in*, para que nos acomodassem na mesma fileira do avião. Após idas e vindas, conseguimos; passaríamos mais seis horas juntos a fazermos a melhor inclusão tagarela que pudéssemos.

Entre tantas histórias, piadas, risadas e descontração, minha amiga TILS começa a falar da importância do professor

da sala de aula saber Libras, conversar e passar o conhecimento para seu aluno. Também falou muito empolgada sobre a classe de surdos. Naquele instante, eu, que já alguns anos sabia Libras, meti-me a discordar dela e demos início a mais um diálogo que me traria impacto e aprendizado.

– É muito importante, aliás, é imprescindível que o professor da sala saiba falar em Libras. A pessoa surda também é aluna dele e ambos devem se comunicar – disse a amiga TILS.

– Mas não já tem o tradutor intérprete de Libras na sala? Veja meu caso, eu sei Libras, mas é impossível eu dar aula em português e em Libras, por isso a presença do TILS. – Falei.

– Não. Não é bem assim. Daí porque também a urgência de classes para surdos, de escolas bilíngues que respeitem a Libras como L1 dos surdos.

– Agora, eu que digo não. Não acredito que você está defendendo que surdos sejam excluídos de salas de ouvintes. Estamos lutando tanto pela inclusão em conjunto e você me diz isso?

– Veja só, não estou contrariando a inclusão, só sabemos, por experiência, que quando surdos estão em sala de ouvintes, eles saem perdendo, especialmente nas series iniciais, pois a primazia será da Língua Portuguesa e não da Libras.

– Mas não é por isso mesmo que tem o intérprete?

– Deixa eu lhe fazer uma pergunta, talvez fique mais claro para você. Como professora de Psicologia, você prepara suas aulas devidamente, então me responda uma coisa: Quando você senta para estudar o assunto e preparar a aula, você pensa em Português ou em Libras?

Já de cabeça baixa e com certo acanhamento eu respondi:

– Mesmo sabendo Libras, eu sempre preparei minhas aulas em português.

– Está vendo, você prepara a aula para ouvintes, logo, os surdos sairão perdendo, pois não terão o docente passando o conhecimento em sua língua.

Nesse momento, eu já não disse mais nada. E na tranquilidade daquele voo, voltando para casa, compreendi que, para ensinar aos surdos, preciso pensar em sua língua.

Princípio Inclusivo:

- Libras não é um aglomerado de sinais com correspondentes na língua portuguesa. Libras é língua de modalidade gestual-visual, com estrutura e aspectos linguísticos como qualquer outra língua.

Todo humano tem uma via de acesso

A tarde estava ensolarada e as crianças queriam passear. Alguém sugere irmos à casa de uma grande amiga da família e completa:

– Você vai gostar de ir à casa dessa nossa amiga.

– Por que vou gostar? – Pergunto

– Porque ela tem um filho *doido* e você gosta desse povo, não é?

Tal afirmação provocou em mim um longo riso de contentamento, pois gosto de ser identificada com pessoas fora da norma. No caminho, eu fui pensando: Quem será esse filho doido que mora na roça?

Ao chegar à roça, fomos logo recebidos pela dona da casa, suas irmãs, as crianças, os cachorros e até as galinhas do terreiro. Para minha surpresa, um rapaz alto, aparentando uns quinze anos, aproximou-se do carro; vestia apenas uma cueca colorida e estava encharcado. Ao descer do carro, tentei dar-lhe um abraço, mas ele recuou. Daí pensei, esse deve ser o filho louco. Já nos haviam explicado que ele era sobrinho neto da dona da casa. A mãe o havia deixado tão logo nascera e não fazia ideia quem era o pai.

Fomos então conhecer a casa, sentar, tomar café e conversar. À medida que íamos andando pelos cômodos, ele ia seguindo-nos e batendo palmas. A cada canto, palma; a cada passo, palma; a cada palavra, palma. Alguém grita:

– Para de bater palmas, você está atrapalhando as visitas.

Por um instante para, e fico a pensar no porquê das palmas. Intuitivamente, espero ele bater e bato também; ele para e então bate; eu bato novamente e, assim, fomos iniciando o que chamo de comunicação preliminar. Meu filho mais velho pergunta-me:

– Mamãe, por que vocês estão batendo palmas?

– Porque estamos conversando, meu filho.

Assim seguimos eu e ele. Palmas de cá... palmas de lá. Em dado momento, resolvo bater palmas duas vezes seguidas e meu interlocutor então para. Passados alguns segundos, em silêncio de fala e de palmas, resolvo bater novamente só uma vez e, imediatamente, ele responde. Sim! Era verdade, estávamos comunicando-nos por meio das palmas.

Fomos todos para o lado de fora da casa e sentamos no alpendre. Ele vem e senta ao meu lado, de costas, porém seguimos nossa singela comunicação. Alguém de longe tenta filmar esse momento, mas ele percebe e, como que num protesto sensível, retira-se da cena, vai para longe e segue as palmas. Com essa atitude, pareceu dizer:

– Não me filme. Não se intrometa nesse momento. Alguém ouviu minhas palmas. Alguém está conversando comigo. Deixe-nos!

Àquela hora, o sol já havia ido embora e nós iríamos voltar para casa. Não sei, até hoje, de fato, qual seria o diagnóstico exato daquele rapaz, só sei uma coisa, em meio a um pranto sofrido, dentro do carro ainda, eu entendi porque fui àquela casa. Naquela tarde, o *louco da roça*, como chamavam-no, ensinou-me a maior lição em inclusão que já aprendi e que ainda não havia recebido em nenhum outro lugar, principalmente nos meios acadêmicos: **TODO HUMANO TEM UMA VIA DE ACESSO.**

Sim. Isso é de fato real. Não importa a forma como exista, como está no mundo, toda condição humana terá uma forma de ser acessada. Caberá a mim e a você descobrir o acesso dos que nos chegam.

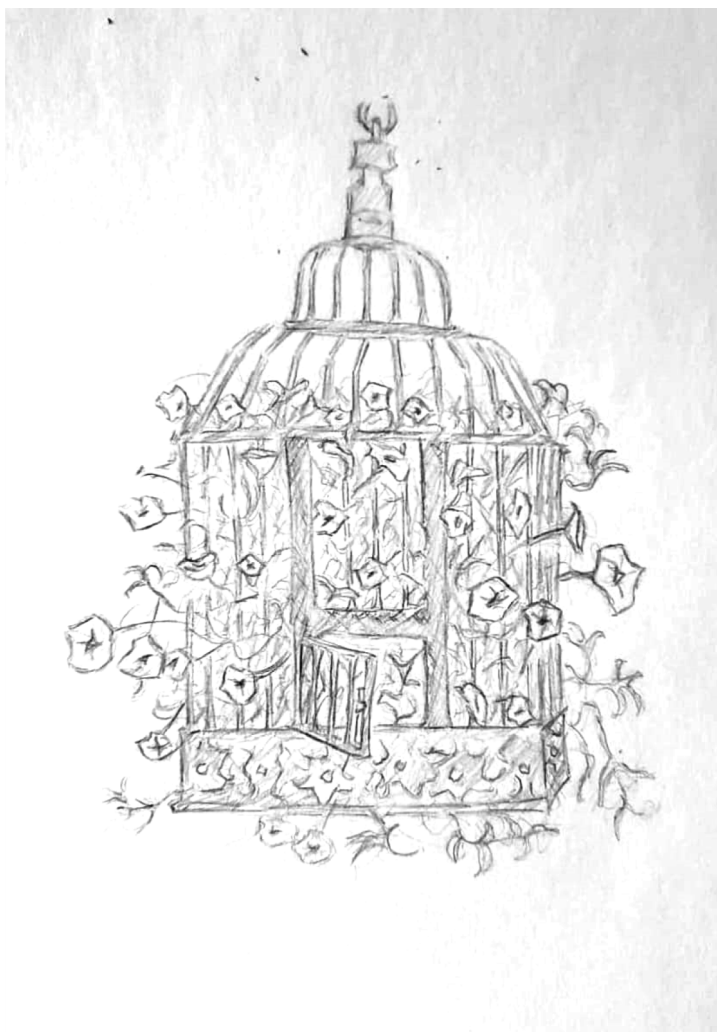
Anos após esse encontro que me transformou, meu amigo *louco da roça*, meu maior professor, partiu, fez sua passagem em meio a breve vida que teve. Infelizmente, partiu sem saber, sem compreender, sem fazer ideia do impacto que sua singular existência teve em meu viver.

E assim é, a simplicidade de seu ser me ensinou que há muitas formas da condição humana ser... foi preciso um *louco da roça* (assim ele era sempre denominado) para me ensinar o que deixo aqui escrito, para que tantos e tantos outros aprendam em essência: SEMPRE HAVERÁ UM ACESSO PARA UMA EXISTÊNCIA!

Princípio Inclusivo:

- Quando estiver diante de uma pessoa com deficiência, por mais que lhe pareça severa e inalcançável, saiba que sempre, sempre haverá uma forma de acessá-la!

Áudio-descrição: Uma gaiola, repleta de flores, com a porta aberta levemente inclinada para esquerda. As flores escapam pela porta e pelas frestas de todos os lados da gaiola.



Porque meu filho também é gente

*H*á alguns anos, tive a oportunidade de conhecer um grupo de mães com filhos que possuem síndromes raras. Cada mãe com uma história, uma trajetória marcante e emocionante.

Certa manhã, reunimo-nos para um bom bate-papo e, aos poucos, fui apropriando-me das experiências que traziam. Naquele dia, uma daquelas mães apresentar-meia um episódio que, na verdade, tornou-se uma aula para mim. Ela estava junto comigo na universidade e era ela que me trazia o aprendizado que nenhum livro havia me dado. Quanta gratidão tenho por ela. Enquanto escrevo, minha memória evoca sua alegria, sua espontaneidade e seu sorriso, fácil mesmo, em meio a tanta dificuldade.

Estamos numa conversa empolgante quando ela me diz:

– Professora, vou contar-lhe uma situação que vivi esses dias. A senhora ainda não conhece meu bebê; eu chamo-o assim, porque apesar da idade, ele vai ser sempre um bebê.

– É mesmo? Então me conte essa história.

– Ele é muito grande professora e pesado. Então, esses dias, ele foi com a gente para a igreja. Era um culto

festivo, tinha muita gente, muita música. Ele estava até tranquilo, pois tinha tomado as medicações, mas teve um momento em que ele começou a agitar-se, a ficar nervoso, batia os pés, as mãos, gritava e eu aperreada. Como o culto já estava acabando, resolvi esperar. Daí, ele foi agitando-se cada vez mais, até que caiu e teve uma convulsão.

– Ele teve uma convulsão? E o que vocês fizeram?

– Fomos para casa com ele. Dei outros remédios. Ele é assim professora, quando tem muita gente, muito barulho ele não aguenta não.

– Você procurou um profissional?

– Sim. Veja mesmo o que aconteceu. Levei-o, dias depois, a uma profissional de saúde. Conte para ela o que aconteceu, mas quando eu falei que ele tinha tido a convulsão na igreja, ela disse:

– Como assim, ele teve convulsão na igreja?

– Sim, Doutora. Ele teve na igreja, porque foi com a gente.

– Eu não já lhe falei que ele nunca terá vida social? Que você não precisa levar ele para lugar nenhum com vocês? Que sair com ele é só ter trabalho e passar vexame?

Professora, aquilo me doeu tanto, tanto. Eu respirei fundo e disse a ela;

– Doutora, meu filho vai com a gente para a igreja, para o shopping, à feira... meu filho vai comigo aonde eu for, *porque meu filho também é gente!*

Nesse momento da conversa com essa extraordinária mãe, eu já não conseguia falar mais nada. Agora, eu e ela, apenas nos comunicávamos por meio das lágrimas quentes que corriam em nossas faces. É isso minha querida, *seu filho é e sempre será gente...*

O relato profundo dessa mãe, mostrou-me o quanto somos, ainda somos excludentes, pois naquele dia, em meio

a tantos avanços históricos, teóricos e tecnológicos, eu me deparava com uma mãe ainda lutando pelo 'status' de humano de seu filho.

E você, ainda acha que lugar da pessoa com deficiência é em casa? Se sim, saiba que eles agora saíram de casa e não vão mais voltar.

Princípio Inclusivo:

- Se você ainda tem dúvida, é bom que saiba, pessoa com deficiência, seja qual for a deficiência, é gente... isso significa que é igual a mim e a você, não importa a forma como exista.

Sobre a experiência que minha existência não conhece eu me calo

Os anos de trabalho e convivência com a pessoa com deficiência foram, conforme já mencionado, aos poucos me marcando, revelando-me, moldando-me e, portanto, trazendo um aprendizado ímpar. Mais uma lição que aprendi nessa convivência, foi a minha gritante incapacidade de saber o que outro vive e, ainda assim, hipocritamente, atribuir-lhe um juízo de valor a partir da minha confortável vida. Para ilustrar esse aprendizado, apresentar-lhe-ei três fatos cotidianos, sendo o último o mais impactante.

Era recém-chegada à universidade, quando assumi uma disciplina com horas práticas; a ideia era dividir a turma em pequenos grupos e cada um ir para instituições locais que trabalhassem com pessoas com deficiência. Um desses grupos ficou em uma instituição de crianças com deficiência intelectual. A dinâmica era a seguinte: em uma semana eles iam à instituição e, na outra, fazíamos a supervisão do que tinham visto e realizado. Quão não foi nossa surpresa, o grupo de alunos chega movido de profunda indignação e prontamente me indignei também. Naquela manhã, eles haviam conhecido uma mãe de duas

crianças com deficiência e que, não raras vezes, essa os batia com força, vigor e raiva. Ao relatarmos a situação, eu, que nem mãe era, achei que tinha todo direito de, junto aos alunos, julgarmos aquela mãe. E assim seguimos semeando, regando e cultivando indignação para com a mãe, que se quer conhecíamos bem a sua vida.

Noutra manhã, porém o inesperado ocorreu. Ao chegarem à instituição, o grupo se deparou com a mãe e a coordenadora do local conversando. Ao ver os alunos, a coordenadora diz:

– Vocês estudam Psicologia? Deviam era tratar dessa mãe.

Com aspecto de revolta e ao mesmo tempo de tristeza, a mãe retrucou:

– Só eu sei o que eu passo! Só eu sei como lido com essas crianças todos os dias. Só eu sei a dor de ter sido rejeitada pelo marido quando o segundo nasceu. Só eu sei o que é viver com parte da aposentadoria da minha mãe e ver meus filhos querendo comer e eu não ter. Se vocês acham que eu sou doída, só eu sei o que eu passo!

Na supervisão, o grupo não sabia se falava ou se chorava, mas quando falaram, então choramos todos. Passado o pranto, precisei honestamente me desculpar com a turma, precisei dizer-lhes o quanto fui errada, deixando que meu senso comum suplantasse minha capacidade de olhar aquele fato amplamente. Aqui cabe uma observação: a compreensão de um comportamento não o legitima, mas nos possibilita atuar de modo a rompê-lo. Dali pra frente, o caminho era compreender as razões que faziam aquela mãe bater tanto em seus filhos e ofertar-lhe um suporte para dar conta de tantas agruras que a vida lhe ofertava. Quanta vergonha senti e sinto, ainda ao escrever esse fato...

Outro episódio deu-se quando ministrei, no curso de Psicologia, uma disciplina relacionada às pessoas com deficiência, estando grávida. Foi muito interessante ver a associação feita, especialmente por alunas, entre o conteúdo dado e minha gestação. Certa manhã, uma aluna parou-me no corredor, estava um tanto apreensiva, porém perguntou:

– Professora, após cada aula, nós ficamos comentando, será que ela imagina o filho nascendo com deficiência? Já que ela trabalha esse assunto, o que ela pensa?

Dei um tímido sorriso, confesso que me pegou de surpresa e respondi:

– Não, eu não imagino.

Pude perceber no rosto da aluna a expressão de frustração, até hoje acho que ela queria ouvir mais.

Numa outra ocasião ao dar uma aula sobre síndrome de Down, uma aluna ergue timidamente a mão e fala:

– Professora, você já está na reta final da gravidez e está aqui dando essa aula pra gente; você imagina se essa criança nascer Down, qual vai ser sua reação?

Novamente sorri, mas dessa vez já não me surpreendo:

– Imagino minha querida, mas não poderei lhe dizer nada, porque minha existência não conhece essa experiência. Falar-lhe alguma coisa agora, seria mera suposição. Apenas tendo a experiência, eu teria condições de lhe falar algo...

O terceiro e último episódio que me trouxe grande aprendizado acerca da experiência do outro, ocorreu numa festa de crianças com deficiência.

Naquela manhã de sábado, fomos eu e minha família para o parque da cidade, celebrarmos aquele momento envolvendo crianças com deficiência e seus familiares. Foi uma diversão só. Por um instante, parecia que havíamos conseguido replicar o que tanto desejamos que seja uma sociedade inclusiva. Ali, tínhamos pessoas com e sem

deficiência juntas, rindo, brincando, comendo.

Em determinado momento, uma das mães é convidada para fazer uma oração de agradecimento a Deus por aquela festividade e por cada criança ali. Qual não foi nossa surpresa, ela pega o microfone e, com muita empolgação e alegria, dá início a sua fala:

– Bom dia. Por favor, peço um minuto de atenção para fazermos nossa oração. Nesse momento, vamos agradecer a Deus... sim vamos agradecer principalmente porque ele deu a cada uma de nós uma cruz para carregarmos, e se Deus deu-nos uma cruz (para umas mais leve, para outras mais pesadas) é porque Ele sabe que podemos suportar...

Por muitos anos, ouvi pais, mães e avós referirem-se a filhos com deficiência por meio da expressão *cruz para carregar*; por muitos anos permitia-me o luxo de me indignar profundamente com esse termo, mas naquela manhã algo totalmente novo se processou em mim. Eu diante da mãe, porém a uma distância de uns três metros; enquanto ela falava, veio-me à mente meus três filhos sem deficiência. Foi o bastante para que uma lágrima quente banhasse-me o rosto e eu indagasse-me: - Quem você pensa que é para julgar uma mãe de um filho com deficiência? – Que experiência materna você pensa ter a ponto de considerar que essa mãe não poderia falar assim?

Em meio às lágrimas, eu havia aprendido a lição *sobre a experiência que minha existência não conhece, eu me calo...*

Princípio Inclusivo:

- Antes de julgar, condenar, opinar, subjugar uma família de criança com deficiência, pare e pense: se eu tivesse essa experiência como me sentiria, o que faria? Deixe cada um/uma existir como pode!

*Não fique assim não.
Eu estou vivo*

Era um dia de grande movimentação dentro daquele conhecido hospital. A todo instante entravam e saíam pacientes, médicos, enfermeiros e os mais variados profissionais. A cada ambulância que saía, outra chegava logo atrás. Parecia um dia de trabalho e rotina como todos os demais. Nesse vai e vem, chega uma ambulância do interior trazendo mais um paciente. Logo se deu a correria, pois a situação era delicada.

Aos 17 anos, morador da zona rural, filho de agricultores, havia pegado a moto para comprar os suprimentos da roça e, ao retornar para casa, fora surpreendido com um animal na pista, sendo arremessado na estrada, batendo o pescoço em grande pedra. O socorro demorou a chegar, houve uma tentativa de fazer um atendimento rápido em sua cidade, mas o quadro era muito grave. Fora então levado para o hospital maior. Ao chegar, fora encaminhado direto para a UTI e entubado. Seguia-se a batalha pela preservação da vida; consultas, exames, vai e vem, dava-se início a uma corrida contra o tempo para mantê-lo vivo. Uma parada respiratória deixou a equipe

em suspenso, mas o jovem resistente permaneceu com o fôlego da vida.

Passados alguns dias, veio, finalmente, o diagnóstico, a pancada no pescoço deixar-lhe-ia tetraplégico. Qual não foi a dor e o luto da família e, especialmente da equipe médica, que de modo tão empenhado havia feito o que podia por aquele paciente.

Não é fácil perder os movimentos do pescoço para baixo, aos 17 anos, e a equipe responsável por ele sentiu sobremaneira o impacto de sua nova condição. Qual não foi esse impacto, que não era raro nas reuniões de encaminhamentos, outro profissional chorar diante daquela realidade. Houve também aqueles que, no reconhecimento sincero de seus limites, pediram para deixar a equipe, pois não dariam conta da situação.

Um episódio, porém, foi muito marcante. Havia chegado a hora de administrar a medicação, mas a responsável por essa ação estava em choque e se recusava até mesmo a olhar para o garoto. Até que uma profissional recém-chegada, também impactada, respirou e disse:

– Eu vou. Pode deixar que eu vou dar-lhe a medicação.

Tamanho eram os comentários sobre esse paciente que lá foi ela e, no percurso, foi suando frio, trêmula e com os olhos a lacrimejar. Finalmente, ao chegar diante dele, ele a olha e percebe seu estado, calmamente lhe fala:

– Por favor, não fique assim. Eu sei que o que aconteceu foi terrível, mas eu estou vivo.

Naquele instante, o jovem garoto da zona rural, agora tetraplégico, dá-nos uma das maiores lições acerca da

condução do tratamento no caso de deficiências adquiridas. A equipe, por certo, considerando a sensibilização típica que a situação evoca, estava a tratá-lo pelo que havia perdido, pelo viés do trágico. É certo que ninguém, em sã consciência, comemora o fato de ter ficado tetraplégico, porém há que se entender que, se a vida foi preservada, isso já é o bastante. O que nosso forte paciente sugere é ser tratado não pelo que perdeu, mas pelo que ficou preservado. Pense bem, apesar de estar paralisado do pescoço para baixo, ele ouvia, falava, via, pensava, sentia cheiros... sendo assim, por que não usar os sentidos preservados para deles extrair o suporte necessário para superar a perda dos movimentos?

E você? Como trataria esse rapaz? Conseguiria perceber os aspectos preservados ou se fixaria no que foi perdido?

Princípio de Inclusão:

- O tratamento em saúde, no caso de deficiências adquiridas, não deve ser focado apenas na perda, mas deve fazer uso de tudo aquilo que ficou preservado, para que isso traga o devido suporte e ressignificação àquilo que foi perdido.

Meu irmão é surdo, mas eu nunca aprendi Libras

Era uma tarde de forte e intenso calor, estava agendada, de longas datas, uma participação em um seminário de Educação Inclusiva em um contexto de ensino local. Lá fomos nós. Como de praxe, demos início com questionamentos, inquietações e poucas proposições. Não demorou muito, alguém da plateia pede a palavra. Solicitamente, passo o microfone e, para surpresa e espanto, ponho-me a escutar com atenção:

– Acho muito bonito tudo que a senhora está falando, mas não sei se serve para alguma coisa. Vou contar-lhe minha história. Tenho um irmão surdo e eu, como também o restante da família, nunca aprendemos a falar Libras com ele. Sei que sofre com isso. Eu fico acompanhando todo trabalho de inclusão das instituições em nossa região e me permita, vocês não fazem nada pelos surdos. Vocês não dão atenção a eles e vocês não fazem encontros entre eles. Meu irmão mesmo gosta tanto de estar entre os pares surdos e conversarem. Então... Diga, o que a senhora tem feito de verdade pelos surdos?

Ele devolve-me o microfone e põe-se a cochichar com a pessoa que estava ao seu lado. Essa narrativa reverbera de

modo intenso em mim, pois o tempo foi me ensinando *que tudo pode ser dito sem que ninguém seja ferido ou agredido*. Por instantes, fiquei sem compreender o que realmente meu interlocutor pretendia com aquela fala. Um tanto indignada, mas já sabendo o que falaria, pedi-lhe a atenção, solicitei que olhasse para mim e francamente lhe respondi:

– Por favor, diga-me se eu entendi bem. Você tem um irmão surdo e, apesar disso, não sabe dizer um ‘oi’ em língua de sinais a ele. Então, pela sua fala, você almeja que toda a sociedade, a começar por mim, faça a inclusão que você mesmo não faz em sua casa? Entreguei o microfone à organizadora do evento e me sentei. Não havia mais nada a ser dito.

Princípio Inclusivo:

- A sociedade inclusiva só se erguerá quando cada um de nós deixar de apontar o que não é feito... passando a se engajar diligentemente no pleito...

Eu quero é saber o que a senhora vai fazer pelos alunos com deficiência?

Uma manhã, em que o clima sertanejo estava um tanto mais ameno, em virtude da garoa fina que havia regado toda a terra na noite anterior, tínhamos um encontro com um grande grupo de estudantes de graduação. Íamos falar sobre a prática profissional inclusiva.

Demos início, conforme sempre fazemos. Apresentamos nossa proposta sobre percepções pessoais acerca da deficiência, nomenclatura e legislação. Foi então aberto momento para perguntas e participações.

Uma aluna, sentada em frente, ergue a mão e pergunta:

– Professora nós já ficamos sabendo que alunos com deficiência entrarão na universidade. Já até encontramos alguns deles nos corredores. Isso nos deixa felizes e, ao mesmo tempo, muito preocupados. Eu gostaria de saber o que a senhora, ou mesmo a administração da universidade, vai fazer por esses nossos colegas?

Mais uma vez me vejo diante de uma postura que vê no outro o dever de incluir, mas não vê em si...

Olho para aluna e dou início ao diálogo:

– Vamos fazer o seguinte: eu também vou lhe fazer uma

pergunta. Minha resposta ao seu questionamento vai depender do que você me responder. Pode ser?

– Pode professora.

– Então... por favor, se você puder, fale-me o que você fará por seus colegas com deficiência?

Ela olha para mim e, com espanto e surpresa, responde:

– Não faço a mínima ideia do que farei por eles professora.

– Eu sei, minha querida, o que você deve fazer. Chame-os para fazerem trabalhos consigo, para estudar em grupo, para estarem no grupo que vai apresentar seminário; chame-os para passear, para almoçar juntos. Seja com eles, exatamente como você é com seus colegas sem deficiência. Agora posso lhe falar francamente: a instituição fará o papel que lhe cabe, porém, inclusão é atitude de todos os atores da universidade, afinal, você estará mais perto desses alunos do que eu mesma.

É possível fazer o que quiser, porque deficiente é?

Faz muito tempo, realizamos um encontro inclusivo que mobilizou estudantes, atraiu comerciantes e movimentou a população. Foi um final de semana de muito trabalho e dedicação. Ao final do evento, no entanto, um episódio chamou-me a atenção.

Havíamos contado com muitos parceiros externos, com doações de brindes e itens para *coffee break*. Na última noite do encontro, alguém me perguntou:

– Professora, temos muitos itens para lanche e a comissão de estudantes trabalhou muito, podemos distribuir o que ficou do evento com eles?

– Claro. Por favor, distribuam tudo para os estudantes.

Infelizmente esse rápido diálogo foi captado, por meio de leitura labial, por alguém que se encontrava no evento.

Não tardou, passou na minha frente com uma grande caixa debaixo do braço. Ao entender a orientação que dei à equipe, dirigiu-se à copa do local, disse a quem ali estava, que eu o havia permitido ir pegar o que desejasse. E ali pegou tudo que quis: doces, biscoitos, refrigerantes, salgados e o que mais encontrou.

Ao ver a cena diante de mim, confesso que não compreendi, mas a indignação foi tão grande que o parei e, pausadamente, questionei-lhe tal fato:

– Por que você foi pegar esses itens?

– A senhora disse que era para pegar.

– Não. Não disse. Eu disse que o que estava ali seria distribuído entre os estudantes que trabalharam no evento. Por favor, vá devolver a caixa!

Ele saiu dizendo algumas coisas, batendo os pés, mas foi.

Uma querida estudante presenciava de perto toda cena e, ao vê-lo se afastar, chegou junto a mim e questionou:

– Professora, não entendi o que se passou aqui. Ele não é pessoa com deficiência? Por que não pôde levar o que pegou? Isso não seria inclusão?

Mesmo compreendendo sua indagação, não pude deixar passar a chance de mostrar-lhe do que se trata a efetiva inclusão.

– Querida pense comigo. Se ele fosse um homem sem deficiência, chegasse aqui no evento, fosse até a copa e pegasse tudo que desejasse, o que seria feito?

– Ah professora! Eu acho que seria furto e poderíamos até chamar a polícia.

– Então! Ele é pessoa com deficiência sim e precisa entender que vivemos em sociedade, em grupo, temos regras sociais. A deficiência, querida, não o autoriza a fazer o que quiser. Entendeu?

Ele não tem braços e daí?

*A*o longo de todos esses anos trabalhando em inclusão, uma coisa que se tornou recorrente, foi a dúvida da maioria das pessoas sobre o que deve fazer diante de uma pessoa com deficiência.

Alguns acham que a pessoa com deficiência é semelhante a um ser angelical, repleta de qualidades sem defeitos; outros ficam tão paralisados diante delas, que não fazem a mínima ideia de como se portar. Isso para não falar daqueles que, somente com suas práticas cotidianas, furtam-lhes o direito e a oportunidade de agirem como pessoas. Essas posturas trazem impactos na constituição desse indivíduo e muitas vezes os prejudicam socialmente.

Desde a infância, é preciso compreender que toda pessoa com deficiência é, com perdão da redundância, ‘pessoa’ e conviverá em sociedade como todas as demais. Pessoas com deficiência têm qualidades e defeitos como qualquer outra. Sendo assim, aja com elas como agiria com qualquer outra pessoa. Uma dica: não a reduza àquilo que não tem, em detrimento de tudo que é e pode vir a ser.

Outro aspecto a se destacar, é nossa visão absurdamente limitada que insiste em pôr a condição humana em um padrão, em uma visão única e reducionista do que é o corpo que envolve uma existência. Ainda é muito

comum acreditar-se que um corpo deve ter tudo preservado para ‘funcionar’; é constante defender-se que um humano deve tudo ter para se desenvolver, mas a vida e a história vão mostrando que existir basta, não importa o corpo que se tem.

Toma-se o exemplo de uma criança de seis anos que, ao passear no shopping com a mãe, viu um homem de meia idade sem os dois braços. Olhou, fixou a atenção, mas a mãe nada disse. À noite, ao ser colocada para dormir, questiona:

– Mamãe e aquele homem no shopping?

Mesmo sabendo de quem se tratava, a mãe devolveu:

– Que homem filho? Vimos tantas pessoas no shopping hoje.

– Aquele, mamãe... aquele que não tinha braços!

– Certo. E daí?

– Como e daí mamãe? Ele não tinha braços. Era um homem sem braços.

– Sim, meu filho. Olhe para seus braços, nós temos braços e ele não tinha. Nós escutamos e falamos com a voz, a sua professora de Libras não escuta e fala com as mãos. Nós usamos as pernas para andar, há pessoas que usam a cadeira de rodas, as muletas para fazer o mesmo. Nós enxergamos, há pessoas que tocam as coisas para ver. Simples assim, meu filho, há muitas maneiras de ser gente.

– É, né mamãe?

E assim, na simplicidade de uma criança, a diversidade de corpos e de existências foi posta.

Deficiência e sexualidade: quem sabe a verdade?

Há alguns anos, ministro uma disciplina do curso de Psicologia, que objetiva a inserção inicial dos estudantes na prática profissional. É uma disciplina muito dinâmica, contagiante, que consegue evocar o que há de mais criativo e potente nos mesmos. Costumamos dividir a turma em subgrupos e eles irão às instituições. Por alguns encontros, aprenderão com os contextos, observarão dinâmica, funcionamento e necessidades. Feito isso, reunimo-nos e fazemos o planejamento das atividades.

Era, então, mais uma manhã de aula; turma visivelmente empolgada para a elaboração de atividades nas instituições, dentro de suas demandas. Um grupo, naquele momento, destacava-se especialmente - estava eufórico. Havia conseguido perceber que todas as narrativas, expostas na instituição, circulavam em torno da sexualidade dos alunos com deficiência e a carência de suas famílias. Diante disso, a ação seria um café da manhã carinhosamente preparado, dinâmicas do tipo *'quebra gelo'* com as famílias, uma dinâmica sobre como eles lidavam com a sexualidade de seus filhos com deficiência; distribuição de folder informativo e uma aula sobre a temática. Até aí tudo bem. E,

na minha condição de docente, dava gosto ver a animação, empenho e dedicação do grupo. Logo percebeu que não encontraria materiais voltados à pessoa com deficiência no exercício de sua sexualidade, mas isso não o desanimou, emprestei-lhe a única referência que tinha sobre o assunto e, vi-o produzir um lindo e elucidativo folder, que seria então entregue às famílias. Em meio a tanta empolgação, uma coisa me chamou atenção em minhas meninas alunas e em mim também: tínhamos certeza de que sabíamos, sobre o tema, o suficiente para ensinar às famílias; circulava em nós a enganosa convicção de que estamos na universidade estudando, apropriando-nos, então, certamente, temos o saber que eles não têm, mas poderemos lhes transmitir. Essa convicção era quase imperceptível, porém estava ali entre nós, era posto.

Finalmente acontece o dia do encontro. Chego à instituição e me deparo com uma linda mesa de café da manhã, muito sortida e caprichada. E a equipe com uma disposição e aparência impecáveis. Aos poucos, as famílias vão chegando, sentindo-se à vontade, servindo-se do café da manhã. Uma das minhas alunas toma a frente e damos início ao trabalho: dinâmica de apresentação, seguida da dinâmica “como vocês lidam com a sexualidade de seus filhos”. No canto da sala, contemplamos um pai um tanto tímido e sem jeito, mas, mesmo assim, esboça como essa pergunta lhe chega. Aos pouquinhos, em meio a risos constrangidos, um ou outro familiar vai falando. No centro da sala, uma senhora, já de idade, muito risonha, comunicativa desde o início do café, deixa que os demais familiares falem para finalmente se colocar:

– Eu não sei se por conta da minha idade, mas eu não entendi bem a pergunta de vocês.

Uma das estudantes adianta-se e, com toda simpatia, diz:

– Nós gostaríamos de saber como a senhora percebe, ou lida com a sexualidade de seus filhos, ou mesmo, a senhora entende que eles também têm uma sexualidade?

Nesse momento, aquela mãe já de idade, lança-nos um olhar contemplativo, como se entendesse sem entender e diz:

– Minha filha, pela minha idade, você pode imaginar o que é sexualidade pra mim e como a aprendi. Falar nesse assunto lembra que tive uma mãe que nunca me disse nada, nunca conversou nada comigo, a vida e sua dureza ensinaram-me. Mas acho que entendi o que vocês estão querendo saber.

Ela olha diretamente pra mim, e diz:

– Professora, a senhora desculpe a ignorância do que vou falar e, se eu tiver fazendo algo errado, a senhora, por favor, corrija-me e me ajude com meus filhos. Como vocês sabem, eu sou mãe de dois filhos adultos com deficiência e tudo sempre foi muito, muito difícil pra mim. Como nunca tive instrução sobre sexo, eu também não fazia ideia de como seria e se isso existiria para meus filhos. Eu lembro de uma vez em que vi um deles jogar-se no chão, de barriga para baixo e se mexer muito. Ao olhar, eu entendi o que ele estava fazendo, mesmo sem falar. Na próxima vez que percebi, professora, eu o peguei, levei-o para o banheiro e o ajudei a fazer as necessidades dele. Pelo comprometimento das mãos ele não conseguiria, então eu o ajudei. Tenho até vergonha de falar, professora, imaginem vocês, doutores, uma mãe fazendo uma coisa dessas com o filho; eu nem sei se é certo ou se fiz errado, mas uma coisa que não consegui

foi deixar meu filho sofrendo por não poder realizar as necessidades. Eu fiz errado?

Assim, houve um silenciamento total no grupo; as alunas me olhavam como quem diziam: - E agora? Ela sabe muito mais que nós! O que faremos? A mãe talvez esperasse nosso aval, se o que fez era certo ou errado. E eu senti uma lágrima quente descer e só consegui dar um abraço forte naquela nobre mãe.

Naquela manhã, não nos cabia ditar o certo ou o errado, mas uma certeza pertencia-nos, nunca devemos subestimar os saberes. Nós havíamos saído da universidade, certas de que a comunidade precisava do nosso saber, para, diante de nós, vermos o quanto tínhamos mesmo para aprender.

Ao me recompor, consegui tranquilizar nossa nobre mãe e pedir, afinal, que naquele momento nos ensinasse, pois sua fala havia mostrado o quanto nós não sabíamos diante de seu saber.

Princípio Inclusivo:

- Nunca subestime quem tem um saber prático, desenvolvido na vida cotidiana, na labuta do dia a dia, pelo saber instituído, livresco, erguido sob parâmetros hipotéticos em quatro paredes de um escritório...

Inclusão faz-se com honestidade e humildade

A trajetória inclusiva, que trilhei até aqui, tem sido permeada por inúmeras situações da vida real que me fizeram entender que *inclusão é, com certeza, uma das coisas mais simples que há no universo*. Para ilustrar essa afirmação, apresentarei mais um episódio da vida real.

Ela estava na reta final da graduação em uma área da saúde; feliz e entusiasmada, pois havia chegado ao estágio e iria começar a atender finalmente. Após anos de estudos e a devida preparação, havia chegada a hora de ‘pôr a mão na massa’ e atuar da melhor forma ética e comprometida possível. Estava tudo certo, faria seu primeiro atendimento naquela tarde. Havia se arrumado (e caprichado), afinal, agora estava no lugar de estagiária. Um pouco de espera e, finalmente, o paciente chega, entra devagar, senta com certa dificuldade e tenta falar com mais dificuldade ainda. Nesse instante, o sonho da estagiária cai: seu primeiro paciente tinha sequelas de paralisia cerebral e comprometimento de fala, demorava muito para dizer pouco. Mesmo paralisada, consegue ouvi-lo com esforço e atenção extremos, percebe que, entre outras coisas, sua queixa era exatamente a antecipação da fala, ou seja, durante toda a vida, esse

jovem paciente era furtado em seu direito de fala, pois, constantemente, a impaciência de seus interlocutores não permitia que ele completasse seus ditos.

A jovem iniciante sai desse primeiro encontro atordoada, sem saber ao certo como seria... uma coisa ela sabia, ninguém havia lhe dito que poderia ter um paciente assim. Em anos de curso, ela sempre pensou que seus pacientes seriam pessoas sem deficiência, aliás, ela havia se preparado para ser profissional de pessoas sem deficiência.

Entre o intervalo de um encontro e outro, algo se processou na jovem estagiária. Talvez novas leituras, certamente o encontro com sua supervisora, ou mesmo o contato mais imediato com sua própria humanidade. Chegou, finalmente, o dia do segundo encontro; ainda um tanto sem jeito, ela encontra a forma mais coerente para falar com seu cliente:

– Olá, boa tarde! Antes que você diga alguma coisa, eu preciso falar com você primeiro. Eu preciso lhe dizer duas coisas. A primeira, é que estou muito apreensiva para lhe atender; eu não fazia ideia que alguém como você poderia ser meu cliente. A outra coisa é simples, eu andei pensando muito sobre você e queria lhe fazer um pedido, *ajude-me a lhe ajudar*.

E, assim, deu início a um singelo e profícuo processo de atenção e cuidado. Essa estagiária, essa menina que dava início a sua trajetória profissional, revelou-nos, talvez, a grande pista para o acesso ao tesouro inclusivo: honestidade e humildade. Ela foi honesta, quando assumiu, para ele, as próprias limitações dela em relação ao funcionamento dele e, humilde, quando, com toda simplicidade, pede que ele a ajude a ajudá-lo. Magistralmente, ao invés de fugir ou de se

travestir num discurso falseado, ela se inclina para aprender com quem, de fato, poderia ensinar.

Princípio Inclusivo:

- Aqui fica a lição de verdade, inclusão se faz com honestidade e humildade...

Audio-descrição: Um beija-flor em voo em frente e bem próximo ao estigma de uma flor a direita.



Parece que seu filho nasceu com problema...

Era mais uma manhã de intensa movimentação naquela maternidade. Um grande entra e sai de profissionais, gestantes e familiares. Algumas parturientes pareciam mais tranquilas, já eram experientes, respiravam com força e vigor a cada contração; outras pareciam mais nervosas, tensas e, até mesmo, inseguras. Dentre tantas, uma mãe se destacava: estava serena, parecia ter se preparado bem para aquele momento tão esperado, embora fosse seu primeiro filho. Havia chegado ao hospital, vindo de um pequeno vilarejo onde não tinha a devida assistência. Estava acompanhada do marido e da mãe. Tinha feito o pré-natal e não havia nenhuma intercorrência na gestação.

No dia anterior, tinha arrumado a casa, lavado e passado as roupinhas do bebê, pois tudo indicava que “a hora” estava próxima. Já era madrugada, quando começou a sentir leve cólica. Com o passar das horas, as dores foram intensificando-se cada vez mais, mesmo mantendo a serenidade, ela já não suportava as idas e vindas das contrações. O que parecia ser um processo que logo findaria, estendeu-se por horas a fio e se foi o primeiro dia, entrando, madrugada adentro. Já se sentia sem forças, quando as

dores eram praticamente insuportáveis, mas finalmente o bebê nasceu; saiu de uma vez, como um impulso que move a vida inteira. Que alívio, que misto de cansaço e intensa alegria ouvir seu choro! Logo a equipe pegou-o, fez os primeiros procedimentos e o levou para outro setor do hospital. De tão cansada, a mãe adormeceu que nem se deu conta que não o colocaram em seus seios, não o trouxeram para conhecer. Após algumas horas de merecido sono, acorda e se dá conta:

– Eu não vi meu bebê!

Um tanto aflita, chama alguém da equipe, explica o ocorrido e pede para ver o filho. Prontamente, é informada que não poderá vê-lo ainda. Nesse momento, sente um apavoramento:

– Como assim? Como não posso ver o meu próprio filho?

Enquanto isso, a equipe de plantão, daquela madrugada, reúne-se e discute a melhor forma de conversar com a mãe e quem o faria. A médica que fez o parto diz:

– Essa não é minha área. Não tenho o menor jeito de falar essas coisas!

Já a enfermeira não hesita:

– Eu já tentei uma vez, mas a mãe ficou tão desesperada que fiquei traumatizada. Chama a assistente social:

– Ah esse é até meu papel, mas nesses casos eu acho melhor a psicóloga, tem mais preparo e pode amparar a mãe!

Então chega a psicóloga:

– Compreendo bem a situação, porém eu não vi nada na graduação sobre como dar essas notícias, então também não sei.

Enquanto conversavam, D. Josefa fazia a limpeza da sala, dali seguiria exatamente para a enfermaria onde estavam as parturientes. Enquanto fazia seu trabalho, ouvia toda a história: o nome da mãe, a demora em conhecer seu filho e, finalmente, o que tinha acontecido. Ao chegar à enfermaria, como era de costume, D. Josefa vai conversando e conhecendo as mães que ali estavam. Ao chegar, uma jovem mãe já vai lhe dizendo:

– Estou aflita, ainda não trouxeram meu filho para eu conhecer!

Com toda pureza e inocência, D. Josefa diz:

– Ah, então é você! Não se preocupe minha filha, seu filho é um lindo bebê, acabei de vê-lo, ele nasceu com Síndrome de Down, mas não fique triste não, o mundo hoje é outro e vai dá tudo certo. Eu mesma tenho um netinho de sete anos que tem isso e é nossa maior alegria. D. Josefa conta, então, toda história de seu neto, mas contou com tanto amor e afeto que a nova mamãe nem percebeu a lágrima quente que lhe desceu o rosto, enquanto dizia:

– Seja como for, eu amarei meu filho!

Princípio Inclusivo:

- A hora da notícia que um filho nasceu com deficiência é um momento de simplicidade, verdade e acolhimento. Contar a alguém sobre a deficiência perpassa pelo lugar da deficiência em nossas existências. Se esse lugar for trágico, a notícia será trágica (para quem dá e para quem recebe), porém, se esse lugar for o da diversidade e da inclusão, a notícia será o mais leve possível.

*Inclusão não é caça às bruxas...
inclusão é ganhar as bruxas*

Em mais uma tarde de trabalho e ações em Inclusão, ficamos de realizar uma formação em uma turma de graduação. Chegamos cedo e organizamos o espaço, enquanto os estudantes iam chegando; havia, no grupo, uma estudante com limitações auditivas. Fizemos algumas dinâmicas iniciais e começamos a exposição teórica do assunto.

Estávamos no meio de uma fala, quando uma estudante interrompeu e, de modo muito delicado, disse:

– Professora, a senhora está falando baixo, será que nossa colega está ouvindo?

– Não sei lhe dizer, pergunte a ela. Querida, quando algo se refere a uma pessoa com deficiência, você deve perguntar a ela e não a mim - foi a grosseira resposta que dei à época.

Percebi o quanto a aluna foi atingida por minha indelicadeza e o murmurinho que gerou na turma. Meses depois viria a saber que, naquela tarde, a estudante considerou-me uma das professoras mais grossas que já havia conhecido e que não me dirigiria a palavra novamente. Felizmente, tive a chance de ter com ela um diálogo aberto e, assim como a constrangi, publicamente pude também desculpar-me diante de toda turma.

Quem trabalha com inclusão e acessibilidade desfruta de um fenômeno pertinente: nossa escuta fica aguçada e atenta ao preconceito, as falas truncadas e muitas vezes, na empolgação, somos mais indelicados do que didáticos. No anseio de mostrar ou mesmo provar que sabemos, que temos a verdade, acabamos por constranger, intimidar, envergonhar quem comete alguma falha diante de nós.

Há mais de duas décadas que estou nesse trabalho; ensinaram-me que inclusão efetiva não é caça às bruxas, pelo contrário, inclusão é exatamente conquistar as bruxas, conquistar quem ainda não sabe do que se trata essa inclusão.

Anos depois, conversando com um colega que também desfruta de mentalidade inclusiva, ele me explicou que estava tentando fazer uma pesquisa em uma determinada área de atuação e havia procurado um pesquisador exatamente do tema em questão. Por se tratar de um trabalho com sujeitos com deficiência, esse se recusou a fazê-lo, encaminhando-o para alguém que entendesse de deficientes. Ao ouvir o relato do colega, minha reação foi:

– Pois é exatamente esse pesquisador que você precisa conquistar. Insista! O nosso desafio é justamente trazer para a inclusão os que acham que não têm a ver com ela.

Princípio Inclusivo:

- Você que já foi contaminado com o vírus inclusivo, seja paciente e solícito com os que ainda não foram; criticar não traz aliados; a crítica vazia amedronta e afasta aqueles que poderiam também se tornar atores inclusivos.

O pacote de fraldas, a caneta e o Braille

Depois que tive meus três filhos, tudo de fato mudou em nossas vidas, é até um tanto clichê escrever isso. A convivência, agora materna, com crianças pequenas, fez-me ver que há um vasto mundo de conhecimentos que deve chegar até elas; muitas vezes, um conhecimento que nenhum outro contexto ensinar-lhes-á.

Naquela noite, eu estava extremamente cansada; na época, eram apenas dois filhos: um com dois anos e meio e outro com quatro meses. O dia tinha sido exaustivo, entre mamadas, cólicas, banho e brinquedos pela casa, finalmente eu poderia descansar. Será?

Estávamos preparando-nos para dormir, ele estava na cama maior, enquanto eu amamentava o irmão mais novo. De repente, ele salta da cama, pega um pacote de fraldas e me pede uma caneta. Sem entender o que faria, dei-lhe a caneta. Rapidamente, ele pegou e começou a furar o pacote de fraldas... furou... furou e fez mais furos. Perguntei:

– Filho o que estás fazendo?

– Isso é libas, mamãe.

Entendi rapidamente o que ele falava.

- Ah filho, acho que você quis dizer Braille.
- Isso mamãe, é Baille.

Só aí entendi que, ao seu modo, com menos de três anos, meu filho se arriscou a representar o Braille. Crianças são gênios de alma, captam o que está nas entrelinhas dos discursos e da vida cotidiana. Naquela noite, com todo meu cansaço, compreendi que *inclusão começa no pequeno coração*.

A angústia de querer falar e não poder

*N*o trabalho com inclusão, trago muitas marcas e cicatrizes vindas do contato pessoal com tantos e tantos atores. Um desses contatos que me marcou a alma, veio em um grande evento que havíamos organizado.

Em meio ao auditório lotado, à explosão de inúmeras emoções, a tantos cumprimentos, estava no encerramento da primeira noite do evento. Ao sair do auditório, olho para o lado e vejo os amigos surdos indígenas que havia conhecido exatamente naquele dia. Tinha sido informada que eles, apesar da idade (entre 16 e 18 anos) não sabiam Libras ainda. Com alegria, fui cumprimentá-los. Rapidamente, a professora que os acompanhava, disse-me, em largo sorriso, da satisfação deles de estarem ali.

A moça linda, índia surda, sorriu e me abraçou. O rapaz, também, índio surdo, fechou a mão junto ao peito, como se fizesse o sinal que representasse ‘gostei muito’. Nesse instante, houve uma pausa no nobre tempo. Aquele rapaz olhou-me e, aos poucos, seus olhos falaram-me, com suaves lágrimas, o indecifrável. Percebi, em meio a tanta

angústia, que ele queria falar... não... ele já estava falando. E quanta dor senti, pois seu olhar não compreendi. Olhei-o então como se com os olhos também lhe falasse alguma coisa que nem eu sabia o que era. Instantes depois, ele ergueu os braços e eu rapidamente correspondi, agora, olhos, lágrimas, braços e abraços falavam... uma comunicação que não se decifra, apesar de existir. Sem dizer nada, ele me dizia tudo...

Resumindo, ele era surdo... era jovem índio surdo... Não sabia sinalizar... Eu tinha na minha frente um surdo que nada conseguia dizer... Eu apenas tento imaginar a *angústia que deve ser querer falar e não poder...* Mas aqueles olhos fixos em mim, já falavam tudo por si...

E assim, mais um Doutor da Vida ensinou-me que o olhar fala com afeto, alegria e dor!

Por que Saúde em Libras?

*P*or que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma jovem surda que, com fortes dores na vagina, estava diante do médico fazendo-lhe o sinal do referido órgão (dedo indicador e polegar juntos na testa), porém sai de lá com receita de um colírio.

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez um jovem casal de surdos que foi até uma lanchonete, mas ao chegar lá não foi atendido, com a desculpa das funcionárias que ele não sabia falar.

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez um homem surdo que foi atropelado, sem que o condutor do veículo prestasse-lhe socorro... chega à urgência, pela situação, aplicam-lhe medicação indevida e, em poucas horas foi a óbito.

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma adolescente surda, cujo namorado acabou a relação exatamente por ela ser surda. Deprimida, dia após dia, certa noite, levanta, vai a cozinha pega uma faca e corta (superficialmente) os

braços. Desesperada, a família leva a uma urgência. Na urgência, alguém diz, chama o psiquiatra de plantão... ao ver superficialmente o caso, o psiquiatra diz:

– Se fez isso certamente é esquizofrenia. Então a menina surda é internada em hospital psiquiátrico... SINTOMA real: estar sofrendo a dor da rejeição.

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma mulher surda grávida. Aos oito meses, apresenta sangramento e é constatada a morte do bebê. É então cirurgiada e tem alta. Após uma semana, ela ainda aguardava o hospital chamá-la para pegar seu bebê. Ninguém lhe havia dito que o bebê morreria...

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma mãe surda, cujo marido e filho sofreram acidente grave. Ela entra no hospital, em pânico, para saber notícias. Sinaliza, chora, sinaliza, chora. E alguém grita:

– Tirem essa louca daqui, ninguém está entendendo nada do que ela diz!

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma noiva surda que, ao sair para alugar seu tão sonhado vestido de noiva, percebe risos e comentários das vendedoras e, ao fazer leitura labial, entende:

– Nossa ela é surda e vai casar? E ainda vestida de noiva?

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma família de surdos, cujo filho

de cinco anos foi diagnosticado com leucemia; no momento do diagnóstico, os pais percebiam as expressões e gestos da equipe, mas nada compreendiam. Demoraram a entender o câncer do filho e sinalizaram sem que ninguém os acolhesse.

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma mulher surda que, ao voltar de uma festa, fora agredida e abusada por dois homens. Em desespero, procura a delegacia e, em prantos sinaliza, mas ninguém a compreende. Em pavor, entende alguém falar: - Como é? Foram abusar logo de uma surda?

Por que Saúde em Libras?

Porque era uma vez uma comunidade surda que era tudo: branca, negra, indígena, hétero, homo, trans, bi, ateu, religioso, judeu... e nem sempre cabia nos grupos de minoria... Pois, as defesas minoritárias também excluem os que em aflitas mãos sinalizam!

Por que Saúde em Libras?

Porque pessoas surdas também adoecem, sofrem, choram... deprimem-se, constrangem-se. Pessoas surdas também se matam... Todos os dias, surdos gemem na porta ao lado, diante da inútil e vã declaração:

- Não sei atender você!
- Não aprendi a atender você!
- Dá trabalho demais aprender Libras!

Dito em outras palavras, “seu sofrimento não me diz respeito”.

Até quando perpetuaremos essa excludente prática em nossas profissões? Até quando veremos uma parcela da população sofrer com aquilo que consideramos a pior das

dores para um humano, A DOR DE NÃO TER QUEM ACOLHA SUA DOR? Mas a comunidade surda não apenas adocece ou sofre... A comunidade surda também ama, sonha, vive...

A proposta Saúde em Libras ganha força a cada relato que nos chega. Dentre os inúmeros episódios nefastos que envolvem a comunidade surda, compartilhamos mais um... Um relato que nos chegou em um domingo de manhã. Ele era surdo, jovem, casado, pai de dois filhos, vivia de bicos, morava num lugar simples na periferia. Vinha voltando do trabalho em sua moto “cinquentinha”, quando é atingido por outra moto possante. Ao conseguir se levantar, machucado e com alguns arranhões, começou a sinalizar para o outro condutor...e, por meio da leitura labial, entende:

– Você é doido! Você sabe falar não! Você é surdo, bêbado! Eu ligo para polícia e eles lhe prendem, pois você não tem carteira!

Indignado, ele sinaliza ainda mais rápido; vê as risadas, pega a habilitação, mas é em vão... ele realmente não poderia ligar para ninguém, chamar quem quer que fosse... De tão sofrido, nem sequer anotou a placa da moto do infeliz. Ao saber de sua história, uma indignação veio-nos: não bastasse o acidente e o prejuízo, tínhamos, a nossa frente, um homem ferido em sua dignidade. Não esqueceremos a expressão dele ao sinalizar dizendo:

– Não é justo! Ele não me socorreu, não pagou meu prejuízo e ainda me chamou de bêbado e doido. Não é justo eu passar por isso porque sou surdo!

Lamentavelmente, a comunidade surda tem sido estrangeira em sua própria pátria e, nós ouvintes, pouco fazemos para mudar essa realidade.

Assim surge SAÚDE EM LIBRAS... Um momento em que nós, que fazemos a comunidade acadêmi-

ca, não ensinaremos, mas sentaremos e aprenderemos com quem tem a vivência de fato.

Nessa nova perspectiva, lágrimas e emoções são perfeitamente cabíveis, pois, embora elas não caibam no Lattes, elas ainda nos constituem como humanos. Chore, emocione-se e, daqui pra frente, ao por a cabeça no travesseiro, pergunte-se: O que posso fazer por Saúde em Libras? Afinal, a sociedade inclusiva erguer-se-á quando cada um de nós deixar de apontar o que não é feito... passando a se engajar diligentemente no pleito.

Assim, de agora em diante, deixemos o fadado academicismo demagogo do lado de fora e sejamos profissionais simplesmente **HUMANOS, QUE APRENDERÃO COM HUMANOS!**

Por certo, uma postura profissional assim, não pontuará grande coisa em nosso Lattes, porém é muito, muito provável que marque nossas vidas, que nos impacte, que nos transforme... Afinal, **SURDOS TAMBÉM TÊM DIREITO À SAÚDE SOCIAL EM SUA LÍNGUA.** O que eu faço, na minha profissão, não pode ser apenas destinado a ouvintes. Cada um que está a ler esse escrito, pare de perpetuar a exclusão descarada de uma comunidade surda, inserida numa cultura ouvinte. Enfim, tudo mais simples seria se fizéssemos, pela comunidade surda, o que a nós mesmos gostaríamos que fosse feito...

Nesse momento, um desafio é lançado para você: **VEM COM A GENTE, SAÚDE EM LIBRAS É URGENTE!** Pelo direito à dignidade em saúde da comunidade surda... pelo direito da pessoa surda de ser atendida em Língua Brasileira de Sinais!

Obras de arte para cegos

Naquela manhã rotineira, o espaço institucional estava deveras movimentado. Caminhões, materiais chegando... pois, dali há alguns dias, haveria uma grande exposição artística. Era visível a animação de todos os envolvidos; a exposição homenagearia um grande nome da cultura brasileira. Eram telas grandes, coloridas, muito bem pintadas num estilo próprio e inovador, desenvolvido pelo artista. As telas retratavam a vida do homenageado: seu início, trajetória, viagens, composições, instrumentos, indumentária. Era gostoso apreciar tamanha obra, era uma viagem no tempo histórico desse nome imponente da cultura popular.

Iniciaram-se os preparativos para o lançamento de tão vigorosa exposição: imprensa, divulgação, convites específicos, coquetel e tudo mais. Na reta final dos preparativos, enquanto o artista faz os últimos ajustes, alguém se aproximou e perguntou:

– Por gentileza, essa exposição, tão valiosa, estará acessível às pessoas com deficiência?

O artista escutou tão pertinente questionamento, engoliu em seco e, tanto sem jeito, falou:

– Como assim?

– Essa exposição tão bela, com telas tão majestosas

estará acessível a pessoas cegas, por exemplo? Elas terão acesso ao conteúdo das telas?

Após respirar fundo e compreender do que se tratava, o artista respondeu com ânimo e vigor:

– Ah, agora entendi. Olhe só, estou ainda terminando umas cinco telas, que tal essas eu pintar em relevo para que os cegos possam tocar. Seria maravilhoso! Eles teriam cerca de cinco obras com acesso a eles. O que você acha?

Nesse momento, o apreciador já balançava negativamente a cabeça, mas respondeu:

– Entendo sua empolgação de artista, porém creio que não conhece bem o que é acessibilidade. Vamos pegar sua sugestão: o senhor está sugerindo cinco obras específicas para que cegos tenham acesso. Preciso lhe dizer que fazer obras para cegos não é inclusão, muito menos acessibilidade. Não é de obras para cegos que estamos falando, é da acessibilidade de todas as telas para todas as pessoas. Entendeu?

– Ah entendi sim. Então como faríamos?

– Fazendo a audiodescrição de seus quadros que comporão a exposição.

Surpreendentemente, o artista entendeu; toda a beleza e capricho de sua obra eram acessíveis a pessoas videntes, cegos não teriam acesso. Qual não foi a surpresa, imediatamente comunicou que a data da exposição seria adiada, pois precisava descrever as telas. E assim fez e assim foi. No dia da exposição, todas as telas continham um dispositivo eletrônico com a devida audiodescrição.

Esse episódio cotidiano aconteceu há pelo menos uma década, mas, mesmo nos dias atuais, ainda é muito comum a crença que inclusão é algo feito à parte para as pessoas com deficiência, e não algo feito com tudo que os demais terão acesso.

Universidade Capacitista?

PROFISSÃO - do latim *professio, onis*, ato ou afeito de professar, reconhecer publicamente; ofício, trabalho, ocupação, atividade a qual se preparou para exercer.

Em dada medida, é possível professar algo por intermédio da profissão que se exerce. O exercício de uma profissão vai muito além de seu aspecto remunerado e de seu caráter de cobrir despesas financeiras, pois, com a prática profissional, professamos quem somos, nossa visão de mundo e nosso compromisso, ou não, com o contexto social. No exercício cotidiano de nossas funções laborais, deixamos a marca de quem somos e contribuímos, ou não, para o avanço e a melhoria coletiva.

A sociedade pós-pandemia, certamente esperará, de um/uma profissional, uma conduta estritamente humanista, ética e coletiva. Tudo aponta que essa nova sociedade, não apenas esperará, mas exigirá que esse profissional seja inclusivo... que esse profissional entenda que existem múltiplas formas da condição humana apresentar-se no mundo e que seu trabalho também deve voltar-se para todas elas.

Ao longo da história, toda sociedade sempre vivenciou transformações constantes. Na contemporaneidade, especialmente com o advento da tecnologia e o notório

avanço da ciência, as mudanças sociais são cada vez mais rápidas e imperativas. Assim, considerando que sempre haverá pessoas com deficiência no mundo, que esse grupo, há décadas, saiu de casa e não mais voltará, estando cada vez mais empoderado, não será surpresa que essa parcela da população espere ou, até mesmo, exija que todo profissional de qualquer área do conhecimento esteja apto para atuar com ela.

Toda prática profissional faz-se na relação com o outro e, nesse sentido, organiza a vida em sociedade. Quando nossas práticas profissionais forem efetivamente inclusivas, quando todo profissional sair da universidade inclusivo; quando não mais prepararmos profissionais para o trabalho com humanos sem deficiência; quando esse outro da relação laboral também for a pessoa com deficiência, veremos erguer-se, nesse país, uma sociedade efetivamente inclusiva. Aqui, podemos dizer, sem medo, que uma das grandes tendências do mercado de trabalho será a atuação profissional inclusiva e voltada para toda e qualquer existência. Essa compreensão também rompe definitivamente com a concepção, ainda muito enraizada em nossa sociedade, que sempre associa inclusão a contextos escolares. Não precisamos somente de uma educação inclusiva efetiva, precisamos de uma sociedade inclusiva de fato e de direito.

Seguindo, nessa perspectiva, é preciso romper com a formação universitária capacitista, ou mesmo, com a lógica capacitista imperativa em nossas Universidades. Em dada medida, um estudante universitário não aprende a ser racista na universidade, pelo contrário, também não aprende a desenvolver LGBTQIA+fobia, pelo contrário; mas do modo como funcionamos hoje, nossa gama de estudantes

aprende, seja em disciplinas ou mesmo integrado a projetos de extensão ou pesquisa, a ser capacitista com toda significação sócio-histórica e política que esse termo carrega. Não é raro, vemos eventos na universidade que são, em tese, reforçadores da lógica capacitista - estudo de textos, artigos e literatura em geral que reforçam o autoritarismo do modelo biomédico para estudantes de graduação em plena formação. Não é raro vemos estudantes, ávidos por ações extensionistas, empenharem-se, com todo vigor, em projetos voltados somente para humanos sem deficiências; muitas vezes justificam, para a comunidade, que o projeto não foi pensado para esse público, que não estão preparados, então eles não poderão participar.

Aqui se ergue uma terrível questão sócio-política: É justo que pessoas com deficiência fiquem à margem de programas e projetos da universidade pública, sendo essa de fato um espaço plural, democrático e de consolidação do pensamento (teórico/prático) que atua diretamente no avanço e na melhoria social? É justo que, em meio a incontáveis avanços no que tange à inclusão e acessibilidade, a universidade ponha-se de joelho ante o capacitismo e continue a adorá-lo e a propagá-lo? Não é raro vemos a produção científica, em todas as suas facetas, legitimarem a visão excludente e horrenda que manipula, cerceia e controla corpos; não raro vemos dissertações e teses que, em suas entrelinhas, legitimam o já ultrapassado, padrão de 'normalidade', perpetuando na mente de quem pesquisa, publica e consome esses produtos acadêmicos, a ideia de que há um grupo superior a outro e, por isso, capaz de legislar, com o devido amparo científico, sobre suas existências e corpos. Aqui, só percebemos uma saída e a denominamos de Práticas Profissionais Inclusivas!

Micos inclusivos... é rindo que se inclui

A convivência diária envolvendo pessoas com deficiência é a melhor escola inclusiva. É desse modo que aprendemos, que nos percebemos, que nos reconhecemos em nossos preconceitos.

Há anos, convivemos muito perto com um amigo que é cego. Sua existência ensina-nos a cada dia e, com ele, vamos aprendendo sobre infinitas possibilidades de existir. Essa convivência, em alguns momentos, faz-nos esquecer o que falta e nos atentarmos apenas para a pessoa.

Certa vez, estávamos aguardando um táxi e observávamos a sua chegada por meio da janela do setor de trabalho. Nesse dia, nosso amigo estava em pé, de frente exatamente para a bendita janela. De modo natural, dirigimo-nos a ele:

– Por favor, meu amigo vê aí na janela se meu táxi chegou!

Silêncio no ambiente. E de repente todos explodem numa gargalhada. Só aí nos demos conta do que tínhamos pedido.

Foram muitos dias de risos e brincadeiras. Não! Nosso amigo não ficou chateado e foi quem nos ensinou

que sentia grande satisfação quando a convivência era tão natural a ponto de sua deficiência ser esquecida.

A partir desse dia, passamos a chamar esses momentos de *micos inclusivos*. E sem nenhum constrangimento, entendemos que rindo também se inclui.

*Corrija-me, sempre que
preciso for!*

Era uma tarde um tanto chuvosa e com ventos fortes. Certamente, um dia bem diferente do clima do sertão. Naquele horário, tínhamos mais uma formação em inclusão e acessibilidade com uma equipe de colegas. Vieram todos, muito empolgados, animados. Já iniciamos com algumas dinâmicas e atividades. Para essa formação, havíamos convidado uma pessoa cega para trazer uma importante fala.

Como era de costume, apresentamo-nos e pedimos que todos os participantes fizessem o mesmo. Após alguns minutos de muito riso e descontração, demos início ao conteúdo preparado. Naquele encontro, contávamos com a participação de pessoas cegas no grupo.

Para explicar um dado conceito, relacionado à inclusão e à acessibilidade utilizadas com esquema visual, fizemos o desenho, com toda riqueza de detalhes, no quadro branco e, de modo muito empolgado, narramos:

– Como vocês podem ver aqui, esse esquema representa nossa sociedade.

E seguimos com a exposição...

Em dado momento, um dos participantes do curso nos interpela:

– Professora desculpe interromper, mas a senhora apontou para o quadro e disse: – *Como vocês podem ver aqui...* E não descreveu para os participantes cegos do curso. Não sei se faz parte das dinâmicas... Mais uma vez desculpe!

Um silêncio se fez! E só aí nos demos conta que, de fato, havíamos sido *excludentes*. Pedimos desculpas aos participantes cegos, não demos desculpas ou justificativas tantas, apenas assumimos que havíamos esquecidos de descrever para eles e agora o fizemos.

Ao terminar o encontro, o querido participante, que nos alertou, disse:

– Professora mais uma vez nos desculpe. Nossa intenção não foi lhe corrigir na frente de todo mundo, sabemos que a senhora é especialista na área. Se fui indelicado, desculpe-me.

Ficamos sem compreender bem, porque estava tão constrangido e afirmamos:

– Não se preocupe. Você nos ajudou a fazer o curso melhor. E por favor, *corrija-me sempre que preciso for!*

Adolescente surda esquizofrênica?

Ela era uma bela adolescente com sonhos, anseios, afetos e desejos. Após muitas dificuldades, havia finalmente conseguido estudar na escola regular. Alguns meses depois, já tinha feito boas amizades e algumas amigas faziam questão de aprender sua língua; assim, mesmo em um grupo pequeno, alguns já sinalizavam para poderem se comunicar com ela. Afinal sua língua era a Libras e como era importante que seus pares a compreendessem.

Gostava da escola, era grande, com espaços verdes, abertos, a biblioteca ventilada e a merenda era uma das suas preferidas - arroz com farofa de frango.

Como toda adolescente de 16 anos, começou a olhar para os meninos da escola de modo diferente e, certa manhã, um deles chamou-o sua atenção. Era um garoto de outra turma, simpático, amigo de todo mundo. Uma amiga incomum os apresentou e, para surpresa de nossa adolescente, o jovem também sinalizava. Não sabia muito, mas o básico, conseguia conversar. E assim, em quase todos os recreios, lá estavam eles, a princípio, cercados de outros amigos, mas com o passar dos dias era comum ver somente os dois sinalizando.

Certo dia, manhã chuvosa, não saem para o recreio, mas se encontram na sala dela e, para sua surpresa, ele a

pede em namoro. Diz o quanto é linda e que deseja namorá-la. Sem acreditar de tanta alegria, ela aceita e logo se sente a menina mais feliz de todo colégio. Durante uma semana, parecia não acreditar, mas era real, ela estava namorando o rapaz mais destacado da escola, e como se sentia especial por isso.

Após uma semana, ela chega à escola e o encontra conversando e rindo com outra menina. Achou que era uma amiga e timidamente se aproximou, ele, porém, sinalizou que depois lhe falaria. O recreio chegou e ela não o encontrou. Um tanto triste foi para casa com a certeza de que no dia seguinte se acertariam. No outro dia, viu-o de longe, enquanto ele acenou e virou as costas. Sem ter ideia do que estava acontecendo, ela finalmente o procurou e sinalizou:

– Está tudo bem?

– Sim está!

– Por que você está me evitando? Está acontecendo alguma coisa?

– Não estou evitando-a, só não estou mais namorando você.

Atordoada e sem compreender, ela sinaliza:

– Por quê?

– Porque não gosto de você. Eu só queria mesmo saber como era namorar uma menina surda. Agora que já sei, acabou.

Nossa menina baixou a cabeça, enquanto lágrimas quentes banhavam o seu rosto. Doeu tanto que nem na escola ficou. Foi para casa, trancou-se no quarto e lá ficou até o dia seguinte. Acordou com o toque da mãe perguntando o que havia. Não quis comentar, pois Libras sua família não sabia. Só disse que para a escola, naquela manhã, não iria.

Passou novamente o dia no quarto, sem banho, sem comer e com um olhar perdido. E assim foram dois, três dias... uma semana, duas, um mês. A família já estava em desespero, vendo-a definhando dentro do quarto em solidão. Nada que fizessem ou oferecessem parecia ajudar.

Certa noite, após todos da casa dormirem, tudo em intensa penumbra, nossa menina conseguiu levantar, foi à cozinha e, silenciosamente, procurou algo, até que, em uma gaveta, achou uma lâmina de cozinha. Dali, voltou ao quarto e, em dor aguda, marcou os braços em intensos retalhos. Assim, em sangue e sofrimento, adormeceu. No dia seguinte, sua família logo se deu conta da situação em que se encontrava e, em alvoroço e pavor, levaram-na desmaiada a uma urgência. Lá alguém perguntou:

– O que houve?

– O namorado terminou com ela. Está há dias sem comer e, ontem à noite, pegou uma faca e cortou os braços.

Alguém ouviu e disse a meia boca:

– Coitada, além de surda é louca.

Na urgência, a família é orientada a procurar ajuda psiquiátrica. E como queriam o melhor para ela, assim o fizeram.

Diante do psiquiatra, o relato atravessado de sua história de dor. Ela agora mal conseguia sinalizar a dor que sentia. Atento, o médico ouviu todas as informações, fez as perguntas básicas e disse sem dó ou piedade:

– Tudo leva a crer que se trata de um caso de esquizofrenia. Aqui está a receita das medicações e o encaminhamento para ser internada imediatamente. Se ela ficar assim vai acabar se matando. Até logo!

Estava dada a sentença a nossa menina, que, de amor, agora de loucura diagnosticada, padecia. E certamente

não era esquizofrenia, era somente a angústia da humilhação que a consumia. Era a dor brutal de ter visto, a cada dia, que ninguém seu sofrimento acolhia. A faca, os cortes eram o grito de dor que precisava sair e, não foi possível entender a dor, que deve ser querer falar e não poder.

Obs.: Essa crônica foi baseada em fatos reais, representando o quanto a comunidade surda padece por ter furtado o direito de falar suas dores por meio de sua própria língua.

Ela é surda e é louca... será?

Em mais um dia de muito trabalho e atendimentos naquele serviço de saúde mental, uma paciente chama atenção. Chegou acompanhada de um irmão e da mãe. Na recepção, foi logo informado que era surda e não saberia dizer por que estava ali. Enquanto a mãe preenchia a ficha, o irmão a segurava pelo braço o tempo todo. Aguardaram cerca de duas horas e meia para serem atendidos; uma coisa chamou atenção, vez por outra a mãe ficava em sua frente e lhe falava algo com expressão severa.

Finalmente, a médica a chama, o irmão prontamente se levanta e a segura pelos braços, enquanto a segue passo a passo. Ao entrarem no consultório, ela olha para a médica e derruba a cadeira, depois derruba tudo que está na mesa e começa a gritar; agita-se, agarra os cabelos e o irmão dessa vez não a segurou. A médica, já experiente, observa tudo atentamente. Ao mínimo sinal de calma da paciente, ela pede que a mãe e o irmão saiam. Os dois se alvoroçam, explicam que se saírem ela quebraria toda a sala e até a profissional corre riscos. Não ligando para isso, a médica insiste:

– Saíam vocês dois. Eu quero falar com ela.

– Mas doutora, além dos riscos, a senhora não vai conseguir, ela não fala. Ela só sabe gritar e dá trabalho.

– Não tem problema. Ela é adulta. Saiam para que eu possa atendê-la.

Finalmente saíram. E de modo surpreendente, ela sentou e chorou compulsivamente. Ao se acalmar a médica a olhou de frente e pausadamente lhe falou:

– Diga-me o que está acontecendo.

Com certa dificuldade conseguiu dizer:

– Eles dizem eu louca. Não. Não. Eu trabalhar. Meu dinheiro.

Explicou a médica que, todos os anos, a mãe dizia a ela para entrar na sala de atendimento e quebrar tudo, pois se não fosse louca perderia o benefício. E, ao ter direito à pensão, o cartão ficava com a mãe. Nunca havia tido o direito de tirar seu próprio dinheiro. Quando perguntava por que faziam isso, o irmão a batia. E assim há anos vivia.

E mais uma vez não era loucura, era a crueldade bruta que furta, de uma existência, o que lhe é digno em sua consciência.

Adolescência, surdez e abuso

*H*á cerca de dez anos, em mais uma manhã de rotina e cuidados com as crianças, estava eu amamentando meu segundo filho, quando recebo uma ligação. Do outro lado, uma aflita psicóloga e querida amiga. Com a voz embargada, começou a relatar o que estava a presenciar. Narrou-me que, na zona rural de uma pequenina cidade, foram encontradas duas adolescentes surdas, uma de 15 e outra de 17 anos. A polícia havia chegado às meninas, graças a uma denúncia anônima de violência e abuso sexual.

Era uma casa de roça simples e, ao redor, mais duas casinhas. Na maior, moravam as adolescentes, o pai, a mãe e um irmão mais novo. Em uma das casinhas, uma prima e o marido e a última casinha estava vazia. Ao verem a presença da polícia, todos ficaram nervosos e tentaram esconder as meninas, elas não falavam e também não sinalizavam. Eram surdas em isolamento linguístico, fenômeno muito comum ainda em pessoas surdas que residem na zona rural das cidades brasileiras.

Diante da presença dos agentes de segurança, o pai começou a chorar compulsivamente e ninguém entendeu nada. Uma agente dirigiu-lhe a palavra:

– Senhor, creio que sabe por que estamos aqui. O senhor deseja nos contar alguma coisa?

O pobre homem seguia apenas chorando. De dentro da casa, veio a mãe meio trêmula, nervosa e já foi falando.

– Eu quero contar, eu não aguento mais o que estamos vendo. Quase todos os dias, a nossa sobrinha e seu marido pegam nossas filhas e levam-nas para casinha ali e, lá, eles fazem coisa feia com elas. Aquelas coisas, senhora policial, que a gente num pode falar. Minhas filhas estão sofrendo e nós não podemos fazer nada.

– E por que vocês os deixam fazer isso?

– Por que ele é o único que trabalha de carteira assinada e compra a feira para nós. Se não for assim, nós passaremos fome, moça.

Nesse momento, a policial engoliu em seco, mas explicou aos pais o que aconteceria com todos ali; o primo certamente seria detido e as meninas seriam levadas para averiguação.

E assim fizerem, trouxeram-nas à cidade, mas diante da primeira tentativa de ajuda, deram-se conta que ninguém sabia se comunicar com as meninas. E aqui, deu-se início a peregrinação. Percorreram todos os órgãos que diziam respeito à infância e à adolescência, indo por postos de saúde, instituições de saúde mental, etc, mas a resposta era sempre a mesma:

– Nossa! Que caso absurdo! Nós queríamos muito ajudar, mas como elas não falam, não sabem Libras, não sabemos o que fazer.

E aqui, é preciso entender que, tão violento quanto o abuso que elas sofriam, era a violência de ninguém saber as acolher.

Foi nesse momento que a história esbarrou em minha querida amiga, assim me contou. Um dos policiais

da diligência a conhecia, sabia do seu trabalho, então a contactou e explicou todo o ocorrido e, naquela manhã, ao me ligar, ela expressou:

– Professora o que devo fazer? Como posso proceder? Elas não podem deixar de ser acolhidas.

Respirei fundo e confesso que, em um primeiro momento, não sabia se sentia a dor que fora impressa naquelas meninas ou se pensava em como se poderia acolhê-las. Sugeri a minha amiga que fizesse uso de desenhos, que levasse papel, lápis de cor, na tentativa de um acesso inicial a elas. E assim foi feito.

No dia do encontro, em sala reservada, ela se deu conta do quanto as meninas estavam assustadas e arredias e, na tranquilidade que possuíam, tentou estabelecer um contato visual, evitando tocá-las, pois certamente contato corporal lhes remeteriam à agressão e dor.

Havia levado um grande papel madeira que prontamente estendeu no chão, espalhando também lápis, pincéis, tintas, etc. Teve a ideia, quase que por uma iluminação transcendente, de desenhar o contorno de um corpo humano. Fez um olho e ofereceu o lápis apontando para a cabeça, uma das meninas pegou e fez o outro. A mais nova já havia pegado alguns lápis e iniciado uns rabiscos no canto do papel.

Intuitivamente, nossa querida psicóloga seguiu no preenchimento daquilo que seria um corpo humano. Em dado momento, desenhou o órgão genital masculino, nessa hora, a mais nova afastou-se e começou a chorar. De modo surpreendente, a mais velha arrebatou o pincel das mãos da profissional, pôs em cima do órgão, riscou com tanta força e vigor que o papel rasgou. Enquanto assim fazia, raiva, grito e dor sua expressão transmitia. Estava ali a via de acesso!

Pronto! Mesmo sem a fala convencional a pequena menina pôde expor sua raiva, sua dor diante da representação do objeto que tanto a fazia mal. Dali para frente, tornou-se possível acessar seu sofrimento e, assim, ofertar algum encaminhamento.

Princípio Inclusivo:

- Essa vai especialmente para você profissional de saúde. Amplie sua compreensão sobre o que é um humano... pois a fala é somente uma, das inúmeras e ainda desconhecidas possibilidades de comunicação entre nós. Que em sua atuação, nenhuma condição humana deixe de ser acolhida então, por estar fora de um suposto padrão...

Áudio-descrição: Duas flores, uma maior a esquerda, desenhadas em uma tela sobre cavalete. Mão segura forte um lápis e, com punho cerrado, o crava na tela. As flores e partes da tela estão rasgadas.



É surdo, mas é tão bonito...

Em 1999, quando iniciava a graduação em Psicologia, fiz meu primeiro curso básico de Libras, aos sábados pela manhã, em uma querida instituição religiosa. Sua dinâmica consistia nas aulas aos sábados e em praticá-las, com a própria comunidade surda, aos domingos. No início não foi fácil, às vezes parecia que minha mente pensava o sinal, mas os dedos e mãos não me obedeciam para fazê-lo.

Foi nesse período, também, que o querido instrutor do curso pediu, às pessoas surdas, que dessem meu sinal e, de cara, elas olharam para aquele aparelho que eu usava nos dentes. Pronto! Esse seria então meu sinal diante da comunidade surda: mão em E, movimento curto para direita e para a esquerda. Lembro que na época cheguei a questionar:

– E quando eu tirar esse aparelho?

Alguém tratou logo de explicar:

– Não tem problema. Com ou sem o aparelho seu sinal permanecerá esse.

Fazer aquele curso de Libras, no início do curso de Psicologia, foi-me de um aprendizado ímpar. O curso me abria as portas para conhecer a comunidade surda, muito atuante na cidade de Recife, e a Psicologia ia mostrando-me

a necessidade de uma formação profissional que também atendesse esse grupo.

Aos poucos, fui conhecendo pessoas surdas das mais variadas faixas etárias, gostos, religiões, modos de vida, preferências. E à medida que os conhecia, também me conhecia, afinal, era a primeira vez que convivia com essa comunidade.

Essa trajetória de conhecimentos faz-me compartilhar, aqui, um fato que me trouxe o primeiro aprendizado efetivo. O instrutor do curso era muito conhecido, querido pela comunidade surda recifense e não tardou em inserir-me nos eventos e encontros, inclusive para poder praticar Libras, o quanto fosse possível. À medida que ia conhecendo as pessoas surdas, fui adotando uma atitude deveras diferente. Todas as vezes que era apresentada a um surdo ou a uma surda, elogiava-os. Isso era corriqueiro já. Tinha sempre que sinalizar como ele era bonito, como ela era bela, ou mesmo como surdo era inteligente. Infelizmente, ninguém, na época, interpelou-me ou orientou-me, de modo que segui com minha atitude. Era impressionante! Às vezes aquela pessoa nem era tão bonita, mas eu precisava marcar em sinais:

- Você, muito bonita!
- Você, rapaz muito bonito.

Um belo dia, já com a cabeça no travesseiro, fiquei a pensar no quanto estava aprendendo com aquelas pessoas, com aquela convivência, e fui refletindo sobre cada encontro, cada partilha. Lembrei que sempre os elogiava, então realmente eu estava incluída no meio deles. Entre meus pensamentos e devaneios, de repente me veio a pergunta:

– Quando você é apresentada a uma pessoa ouvinte, você a elogia de cara? Se você conhece um homem ouvinte, você diz imediatamente o quanto ele é bonito?

Confesso que as perguntas me chegaram como uma queda, um baque... e, só aí, dei-me conta do tamanho do meu preconceito. No meu íntimo, precisava compensar a surdez, precisava dizer algo que fosse positivo, pois a ausência da audição ainda me era negativa. Senti uma lágrima quente banhar-me o rosto e, a partir dali, parei de fazer isso, de elogiar para compensar, de elogiar sem conhecer e passei a reconhecer que pessoas surdas são pessoas como qualquer ouvinte.

Princípio Inclusivo:

- E você? O que você faz somente com pessoas com deficiência e não faz com as demais? O que você faz com elas para compensar sua dificuldade de lidar com quem elas são? Acredite, identificar esse comportamento é avançar na inclusão efetiva.

O cinema, a amiga e a deficiência

Era um daqueles finais de tarde de céu claro, sol ainda forte, pois no Sertão é assim. Os pássaros começavam a se agitar na copa das verdes árvores e o vento, apesar de balançá-la, ainda era quente. Estava saindo de uma reunião intensa quando encontrei uma amiga e saímos conversando. Havia chegado à cidade fazia pouco tempo, mas parecia completamente adaptada; havia nascido com uma deficiência rara que lhe comprometia movimentos e fala.

Sentamos para tomar um café e jogar conversa fora. Quando já estamos de saída, convida-me:

– Amiga, vamos ao cinema hoje à noite?

– Oh, não poderei. Amanhã logo cedo tenho compromisso.

– Eita! Você era a única pessoa que podia ir comigo. Não gosto de ir ao cinema sozinha e estava com muita vontade de ver esse filme. Como você sabe, não conheço muitas pessoas aqui ainda, então pensei em convidá-la, mas...

– É amiga, dessa vez não vai dar. Amanhã preciso acordar muito cedo mesmo.

– Tudo bem. Fica para próxima vez.

E ali a acompanhei até seu carro e segui para casa a

pé. Mas não fiquei bem. Se por um lado tinha sido sincera com minha amiga, por outro me sentia a pior das criaturas por não tê-la acompanhado ao cinema. Questionei até o trabalho sobre inclusão. Que custava ir ao cinema com uma amiga com deficiência que não tinha companhia? Como pude ser tão egoísta?

Ao chegar em casa, após um longo banho, o jantar, algumas coisas de trabalho a serem resolvidas, preparei-me para dormir e o incômodo pensamento ainda estava ali. Qual não foi minha surpresa, ao colocar a cabeça no travesseiro, meus pensamentos encontraram-se e fizeram sentido: Por que estava me sentindo tão mal? Será que me sentiria assim se fosse uma amiga sem deficiência? Ao me questionar desse modo, dei-me conta, com a melhor das intenções e justificativa; na verdade, eu expressava, mentalmente, o pior dos sentimentos, havia sentido pena de minha querida amiga. Fui capaz de me sentir mal, não por ter negado ir ao cinema com ela, mas por ter negado algo a alguém com deficiência.

Toda essa constatação fez-me banhar o travesseiro em lágrimas. Agora já não sentia pena de minha amiga, mas de mim, da mesquinhez capacitista que ainda me habitava. Uma lição eu aprendi, porém foi melhor não ir com ela ao cinema do que ter ido somente por pena...

Princípio Inclusivo

- E você? Como essa história simples chega-lhe? O que você faria se estivesse no meu lugar? E ainda, como se sentiria? Entenda, pessoas com deficiência são pessoas como outra qualquer, trate-as como faz com as demais!

E cego sabe dizer onde mora?

*M*o decorrer de tantos anos trabalhando com inclusão, por onde passei, fiz muitas amizades com pessoas com e sem deficiência, de todas as idades, crenças, com familiares. Grande parte dessas amizades acompanha-me até os dias atuais. Não raras vezes, reunimo-nos após alguma atividade, para celebrarmos, partilharmos, ou mesmo jogarmos conversa fora.

Certa vez, estava junto a um grande grupo de pessoas queridas; havíamos encerrado, naquela noite, um ciclo de cursos e formações, então decidiram que iríamos comemorar com muita pizza. E lá fomos. Ao chegar, foram necessárias cinco mesas para acomodar todo grupo. Eram tantas risadas, alegria, descontração que, em pouco tempo, percebemos todas as pessoas presentes na pizzaria olhando-nos, o que fizemos questão de compartilhar com os amigos cegos que estavam presentes.

Os estudantes do curso aproveitaram para fazer todas as resenhas possíveis com os instrutores, contarem piadas, falarem das dificuldades que sentiram, pois, para a maioria, era a primeira vez que estudavam com professores que eram pessoas com deficiência. Tiveram, então, que ouvir também o que eles achavam dos cursistas.

Finalmente, as pizzas chegaram e, apesar de termos pedido o suficiente, em determinado momento, pareceu que não iria dar para todo mundo. Então foi pedida uma segunda rodada e a alegria seguia.

A noite já estava avançando e o cansaço de um dia de trabalho chegando, vamos organizar para ir embora. Aos poucos, fomos combinando quem iria com quem, quem daria carona, quem iria de ônibus ou mesmo a pé. Um amigo dirigiu-se a mim e se ofereceu para dar carona para três. Eu prontamente aceitei e ele perguntou se um dos instrutores, que era cego, gostaria de ir também. Um tanto sem jeito, virei para meu amigo e, indelicadamente, perguntei:

– Meu amigo, não me leve a mal, mas você sendo cego sabe dizer onde mora? Sabe nos ensinar seu endereço?

Qual não foi minha surpresa, ele quase não consegue responder. Deu uma crise de risos que parecia não conseguir parar; a essa altura, eu já havia mudado de cor com tanta vergonha da bobagem que perguntei. Ao parar de rir, ele responde:

– Hum, vamos ver se sei dizer onde moro. Se já tiver carona para mim, vamos embora, então!

Entramos no carro, éramos quatro. De modo gaiato e descontraído, meu amigo fez todo percurso dizendo cada rua, cada curva, cada estabelecimento por onde estávamos passando. Da minha parte não falava mais nada, apenas um riso amarelo e sem graça. Para completar, quando o carro entrou na sua rua, o condutor passou direto da sua casa e ele não tardou:

– Meu amigo, por favor, volte cinco casas que é a minha. Você passou direto. Ah, então acho que sei dizer onde moro.

Seguiram-se as gargalhadas de todos, inclusive a minha.

Princípio Inclusivo:

- Não tome sua existência como padrão para analisar a vida de uma pessoa com deficiência. Deixe-a ser quem é...

O aniversário, a amizade... a diversidade

*E*ra um momento muito tenso de nossas vidas. As crianças muito pequenas, o trabalho, todas as obrigações que tínhamos e a velha correria que nos fazia companhia todos os dias.

Nossos filhos com uma dinâmica rotineira pesada: escola, tarefas, atividades em casa e, como não poderia deixar de ser, as inúmeras brincadeiras. Na escola, tinham muitas amizades e encontros, sendo frequente receberem lindos convites de aniversário. Naquela tarde, porém, um convite chamou-nos atenção. Recebemos, da mãe de um coleguinha, um pedido especial para que um dos nossos filhos fosse ao aniversário do dela. Não foi um convite pró-forma, convidou, explicou a dinâmica que adotaria na festinha, disse que o filho queria muito a presença do nosso e solicitou que confirmássemos.

Ponderamos inicialmente, mas depois de vermos todas as possibilidades, explicamos ao nosso filho que não seria possível ir ao lindo aniversário. Ele não entendeu, questionou, argumentou, pois todos da turma iriam. Por que ele não poderia ir? E lá fomos nós explicar, mais uma vez, que infelizmente não teríamos como deixá-lo no aniversário naquele dia à noite.

Os dias foram passando e, mais uma vez, a mãe do aniversariante fez contato, argumentou como era importante para seu filho a presença do nosso, que até as outras crianças estavam perguntando se ele iria. O coração ficava apertado, mas nem tudo é possível para um casal que tem cinco filhos e, por mais que tivéssemos imaginado uma possibilidade, não daria mesmo para ele ir.

Finalmente, à véspera do aniversário e, numa última tentativa, a querida mãe procurou-nos novamente e nos relatou do afeto e amizade entre as crianças e, por isso, a presença do meu filho seria importante para o dela. Tentou convencer-nos a encontrar alguém para levá-lo, porém não tínhamos esse alguém.

Enfim, a linda festa aconteceu e a atenciosa mamãe nos mandou as lindas fotos sempre destacando:

– Nossa família sentiu tanta falta do seu filho!

No dia seguinte, ao chegar da escola, percebemos que nosso filho trazia um recipiente na mão e uma linda lembrancinha. Para nossa surpresa, ele havia levado o presente do coleguinha e a sua mamãe mandou uma verdadeira marmita com tudo que tinha na festa. Estava radiante, pois mesmo não tendo ido, havia sido carinhosamente lembrado.

Ao vermos tanta fartura da festa, dada ao nosso filho, ligamos rapidamente e agradecemos, com todo afeto, o seu gesto.

– Oh, não tem do que agradecer. Compreendemos que não foi possível ele ir. Inclusive, desculpe-me a insistência, acho que fui até inconveniente. Creio que você não deve saber. Nosso filho é autista e seu filho é um dos melhores amigos que ele tem na escola. Foi o primeiro coleguinha que ele disse que queria a presença no aniversário. Quando

perguntei por que, ele relatou que o filho de vocês brinca com ele, corrige-o quando precisa, acalma-o e, por isso, era tão importante.

Naquele momento, diante de tanto afeto singelo, uma lágrima quente lavou-nos o rosto e um orgulho invadiu-nos, pois víamos, no relato daquela mãe, a grandeza de uma amizade e da inclusão efetiva do dia a dia.

Mais uma vez, aprendemos como as crianças, em sua simplicidade, ‘incluem’... Impressionante como elas não precisam de cursos, manuais, roteiros, formações, simplesmente veem gente como gente. E não deveria ser assim com todos nós?

Um amigo cego, um amigo surdo e agora?

Naquela manhã de quarta-feira, estávamos com uma intensidade de trabalho muito grande, eram as aulas, os projetos, os eventos, estudantes para orientar e ainda tínhamos uma reunião importante para os trabalhos em inclusão e acessibilidade. Dois representantes de grupos de pessoas com deficiência viriam conversar conosco, no intuito de firmarmos uma parceria entre a universidade e suas respectivas instituições. Eram dois grandes amigos. Um era uma das referências em inclusão no estado de Pernambuco, pessoa cega, havia ocupado lugares importantes e estratégicos para a causa da pessoa com deficiência. O outro era um professor surdo, também muito querido na comunidade.

Havia agendada a reunião, mas não me havia dado conta da estratégia comunicacional que seria necessária para a efetiva participação dos dois companheiros de trabalho. Ambos já haviam chegado e os saudamos com bom dia, tudo bem e, ao outro, sinalizamos o mesmo.

A reunião teve início e, quando um falava, apressávamo-nos para sinalizar ao outro e, quando esse sinalizava, traduzíamos em português para o primeiro.

Quando nós falávamos, tentávamos fazer em português e Libras, para que ambos tivessem acesso ao tema tratado. Em dados momentos, percebíamos que ficávamos a sinalizar e aí um dos participantes logo dizia:

– Gente se vocês estão conversando em Libras, não esqueça que eu não vejo, eu só percebo o silêncio e não estou sabendo o que está acontecendo. Aliás, vocês ainda estão aí?

– Estamos meu amigo, estamos aqui sim. – apressamos-nos em falar, mas esquecemos de sinalizar.

A reunião foi avançando, ficando mais intensa em suas resoluções e já estávamos sinalizando para o amigo surdo e falando para o amigo cego.

E nessa dinâmica, a reunião seguiu, porém, em determinado momento, algo inesperado aconteceu. Demo-nos conta de que era nossa primeira vez mediando a comunicação entre uma pessoa cega e uma pessoa surda. Não tardou, pedimos desculpas aos dois e marcamos a reunião para outro dia, pois precisaríamos da presença de um intérprete de Libras.

Diante do ocorrido, uma coisa ficou muito clara, então: é preciso, com urgência, expandirmos nossa compreensão de comunicação. Naquela simples reunião, demo-nos conta do tamanho da nossa limitação...

O abraço de aniversário

Naquele domingo, à tarde, após meses de isolamento social e apreensões devido à pandemia, estávamos a arrumar as crianças para irem ao primeiro aniversário. Estavam eufóricos, queriam saber como era o aniversário, como ia ser, queriam conhecer o aniversariante.

Nesse período, apesar de dada tranquilidade, ainda não tínhamos total segurança quanto à pandemia, por isso algumas medidas continuariam sendo utilizadas, como máscara e certo distanciamento; no aniversário, seria passarmos pela casa do pequenino, entregarmos o presente e recebermos o lanche. Os parabéns? Talvez pudéssemos cantar dentro do carro mesmo.

Todas as crianças foram colocadas no carro e para lá fomos. Ao chegarmos à frente da casa, tudo era alegria, cores e diversão. As crianças não se contiveram e logo pediram para descer; ao ver a cena, a mãe do aniversariante pediu-nos que os deixasse descer. E lá foram eles. O mais velho mais tímido ficou de canto. O segundo não saiu de perto do pai. Mas o terceiro, disse:

– Meu amigão!

Correu e deu aquele abraço no aniversariante. Abraçou uma, duas, três vezes... sentiu-se tão íntimo que

pegou uma garrafinha de suco e reclinou-se sobre a cadeira de rodas de seu novo amigo, enquanto se refrescava com seu suco.

A cena encheu-nos os olhos e o coração. Eles não se conheciam, era a primeira vez que se viam. Mas eram duas crianças encontrando-se e isso era o bastante.

Aquele abraço, a espontaneidade, a simplicidade daquele afeto vindo das crianças é a evidência que inclusão faz-se de fato de modo cotidiano, corriqueiro. Naquele instante, aprendemos que inclusão de pessoas com deficiência é tão simples como o abraço de aniversário dado por duas crianças.

O brincar, o lego e a inclusão

No difícil e inédito período da pandemia, quando o ensino remoto foi adotado pelas escolas, foi visível que, para uma família com cinco crianças, três na escola e dois não, seria inviável essa modalidade de aprendizado, considerando a dinâmica pessoal da família. Por alguns dias, ficamos a pensar como trazer conhecimento às crianças de modo prático e real, inserido em seu cotidiano. Desse modo, elaboramos um plano de atividades para as crianças maiores, que estariam inseridas no próprio dia a dia, na rotina de casa.

Dentre as atividades, constantemente estimulávamos brincadeiras e jogos com blocos de montar. Colecionávamos vários tipos desses blocos de diversas cores, formas e tamanhos, de modo que as crianças sempre tinham, à mão, uma caixa farta com esse material.

Certa noite, quando já estávamos preparando-nos para dormir, o filho mais velho, na época com oito anos, pede licença e entra no meu quarto. Muito animado já vai dizendo:

– Mamãe, mamãe, preste atenção aqui, por favor! Eu fiz uma cadeira de rodas, uma rampa e uma escada, tudo de lego.

– Ok, filho. Ótimo!

– Agora quero lhe mostrar uma coisa...

Rapidamente, suas mãos colocam a escada sob o travesseiro da grande cama e à frente dela a pequena cadeira de rodas.

– Mamãe, a cadeira de rodas não sobe a escada, não é?

– Sim, filho.

– E onde está então o problema? Claro que na escada.

Olhe só...

Nesse instante, com dada empolgação, ele troca a escada pela rampa e diz com toda alegria de quem descobriu algo deveras importante:

– Agora a cadeira sobe normalmente, mamãe. A cadeira e qualquer pessoa subirão a rampa. Então o problema não é a cadeira de rodas, é a escada; se mudar, resolve.

– Sim, filho. O problema não é a cadeira de rodas, nem muito menos quem a utiliza. O problema são os lugares, espaços e conceitos que não cabem esses corpos.

Enquanto sentimos um misto de alegria e intensa emoção, por ver a demonstração clara, pelas mãos da infância, do que é *deficiência social*, ele segue, ainda, por uns segundos subindo e descendo a cadeira pela rampa.

Música e comunidade surda

Em mais uma noite quente no sertão, enquanto nos organizávamos para dormir, ele chega ao quarto com um caderno debaixo do braço e um lápis na mão; como se tivesse muito mais idade que simplesmente oito anos, franze a testa e pergunta:

– Mamãe as pessoas surdas têm acesso a uma música porque o intérprete traduz em Libras para elas; então, elas ficam sabendo a letra. Mas como elas sabem a entonação da música?

Surpresa com o questionamento, pois em mais de 20 anos de trabalhos em inclusão eu ainda não havia pensado sobre isso. Disse-lhe:

– Não sei meu filho. Nunca havia parado para pensar sobre isso.

– Mamãe, isso é estranho, insistiu ele. As pessoas surdas têm acesso apenas à letra, mas se é grave, se é agudo, elas não sabem.

Inclusão e pessoas com deficiência chegam aos nossos filhos desde pequenos, mas confesso que essa percepção de um menino de oito anos muito me surpreendeu.

– Bem, meu filho, vejo que você identificou o que chamamos em pesquisa de ‘questão problema’, que seria como pessoas surdas têm acesso a entonação de uma música. Agora tente responder.

Falei desse modo e segui arrumando as coisas, acreditando que ele, por ali mesmo, ficaria. Saiu do quarto para em instantes voltar, sempre acompanhado de seu caderno e lápis. Pediu licença, abriu o caderno e começou a me explicar um rascunho inusitado.

– Olhe, o que fiz aqui, mamãe. Está vendo esse esquema? Ele deve aparecer na TV junto com a tradução em Libras. Veja que são duas linhas e cada linha tem uma bolinha. Na de cima, a bolinha azul representa o grave; na linha de baixo, a bolinha vermelha representa o agudo. Quando a música estiver em um ou outro tom, a bolinha vai percorrer a linha, de modo que a pessoa surda saiba também essa informação.

– Excelente, meu filho! Mas como as pessoas surdas distinguirão grave e agudo se elas verão cores? Como elas saberão a diferença?

– Ah, mamãe, você já está querendo demais. Já pensei muito hoje. Vou dormir.

E, assim, ele foi descansar sem fazer ideia de que começara a pensar de modo absolutamente coletivo, identificando situações e propondo soluções.

Deficiência Circense? Como assim?

Era mais uma manhã ensolarada, em meio a todo clima quente, lícido e belo que caracteriza o sertão nordestino. Cheguei cedo ao setor e dei início aos trabalhos. Passaram-se cerca de duas horas, o telefone toca; do outro lado, uma voz serena e muito simpática queria conhecer os trabalhos de inclusão e acessibilidade. Quando isso acontece, temos total prazer em apresentar os projetos, ações e eventos realizados pela equipe. Muito empolgado, meu interlocutor tinha ligado, na verdade, para nos dar uma sugestão que, segundo ele, seria de extrema relevância para nossos trabalhos em inclusão. Conforme foi falando, a empolgação foi crescendo, passava realmente a convicção de que o sugerido poderia ser consistente na transformação dos espaços, frente à inclusão e à acessibilidade.

Escutei pacientemente meu interlocutor, fiz-lhe uns dois ou três questionamentos, ao que ele respondeu prontamente. Em um deles, questionei se a ideia não poderia envolver pessoas com e sem deficiência, ao que recebi um categórico 'não'. Nesse momento, parecendo levemente irritado ou achando que eu não o estava compreendendo, explicou-me toda ideia novamente. A empolgação era tanta que não me deixava falar, argumentar ou mesmo apresentar um contraponto.

Explicou-me, detalhadamente, o nome da ação, as pessoas que estariam envolvidas, o local onde seria realizada, a divulgação, o público e até o coquetel de lançamento, mas eu ainda não compreendia como a ação atenderia à acessibilidade e à inclusão.

A doce voz do outro lado fez questão de marcar, com veemência e vontade, o pioneirismo da ação, o fato de nunca ter sido realizado algo semelhante na região. Só isso, segundo defendia, já seria suficiente para ação ser realizada tranquilamente.

Por alguns instantes fiquei a pensar e, quando meu interlocutor permitiu-me falar, ainda consegui lhe questionar:

– Perguntou às mulheres com deficiência se, em toda sua ciência, querem da ação participar?

Qual não foi minha surpresa, com toda leveza, pôs-se a dizer:

– É claro que aceitarão com todo prazer!

Aqui confesso que já não sabia mais o que falaria, além da ação ser fora da perspectiva efetiva da inclusão, não respeitava o lugar de fala então!

Um suspiro profundo trouxe-me a calma e a consciência; segui falando com serenidade, porém a verdade. Expliquei que toda e qualquer ação precisa ouvir pessoas com deficiência, pois são quem nos dão consciência de suas existências. Também o trouxe à realidade vigente, que toda condição humana é gente; que fotografar mulheres com deficiência e expô-las sozinhas, tão somente está mais perto de atração circense, é bem verdade, do que de inclusão com vontade. Usei ainda um simples argumento, mas ele me atropelava a todo momento; expliquei que se fosse exposição fotográfica de mulheres, com todas elas,

seria lindo e faria sentido, porém meu interlocutor fez questão de marcar que não, não seria essa exposição. Seria sim, exposição só de mulheres com deficiência. Marquei com foco que não concordava.

O querido interlocutor não gostou, não entendeu, achou que era egoísmo meu, que o frustrei e que não fui humilde o bastante para acatar tamanha ideia. Agora, com uma fala fria e irritada, despediu-se, dizendo-se arrependido da tentativa que não ocorreu. Desligou o telefone antes que lhe perguntasse seu nome.

Fico a pensar, enquanto olho a janela de vidro a minha frente, e compreendo profundamente meu interlocutor, era o trabalho dele, o desejo de sobreviver em meio ao caos, a ideia equivocada que posso pensar sobre outras existências a partir do meu lugar, do meu olhar. Não o julgo nem o condeno, ele ofertou o que tinha acreditado que inclusão faria. Eis a questão, inclusão não é o que se pode dar a alguém, inclusão é exatamente o que se aprende com o que esse outro tem.

Princípio Inclusivo:

- Inclusão efetiva não é expor pessoas com deficiência, seus corpos, suas existências; não é colocá-las à mostra... inclusão efetiva é erguer espaços onde todas as existências possam estar...

A aluna, a deficiência, o aprendizado

Era mais uma aula em um quente dia no sertão. Aos poucos, foram chegando e se organizando. Chegou um tanto atrasada e logo a recebi, sonolenta, na cadeira do canto. Pensei comigo, sábado de manhã deve realmente estar com muito sono... entre cochilos e atenção olhava para o documentário que eu estava expondo.

Ao findar a aula, fui cercada por diversos personagens da turma. No meio, estava ela, porém nada falou, esperou que todos saíssem, aí pôde falar.

– Professora, apresento uma deficiência que ainda está sendo investigada. Minha ansiedade, por não saber direito o que tenho, não me deixa estar aqui; aliás, a universidade foi uma das piores coisas que me aconteceu ultimamente, o que já estava estabilizado, ela piorou...

– Compreendo. Então, diga-me: o que posso fazer por você?

– Eu perco o foco com muita facilidade professora. Por favor, explique de modo mais devagar e, se possível, dê exemplos concretos do que a senhora traz em sala de aula.

– Compreendo e vou fazer o que está me pedindo. Mas também quero lhe pedir, quando eu não fizer isso, lembre-me, pergunte, peça para que eu repita, de modo que possamos seguir a aula dentro de seu modo de aprender.

As semanas passaram-se e, numa aula específica, apresentei um conceito abstrato, qual não foi minha surpresa, a aluna levantou a mão e começou a explicar que aquele conceito aproximava-se muito do que o pai, certa vez, explicou-lhe acerca da origem das estrelas.

A analogia feita por ela logo me chamou atenção e pedi que desenvolvesse melhor. Então ela seguiu numa cadeia associativa impressionante, sobre o tema da aula e as estrelas e, em sua explicação, ficou claro como compreendeu o assunto apresentado.

Naquela tarde, mais uma vez, de modo espontâneo, entendi que toda, absolutamente toda, existência, aprende no seu modo, no seu tempo, mas a todos que foi dado o direito de existir, foi dada também a incrível capacidade de aprender.



Textos Poéticos

Áudio-descrição: Sobre fundo preto, abaixo de um arabesco dourado, em letras brancas: Textos Poéticos.

Profissional para quem?

(em defesa do que denominamos Práticas Profissionais Inclusivas)

- Quem são vocês?
- Somos profissionais.
- Com quem trabalham?
- Com humanos.
- Em que áreas?
- Em todas as áreas. Somos de todas as profissões.
- Trabalham com surdos, cegos, down, paralisados cerebrais, autistas, surdocegos, deficientes físicos e síndromes raras?
- Oh não! Com esses não trabalhamos.
- Como assim? Vocês trabalham com humanos?
- Sim, trabalhamos, mas não com deficientes.
- Ah, entendi. VOCÊS SÃO PROFISSIONAIS PARA HUMANOS SEM DEFICIÊNCIA!
- Infelizmente, sim.
- E quem é profissional para humanos com deficiência?
- Não sabemos dizer.
- Vocês não estudaram para trabalhar com humanos?
- Foi.
- E por que não trabalham com eles?
- Porque justamente, sobre eles, não estudamos.
- Mas vocês passaram anos preparando-se para serem profissionais, por que os excluem?

– Realmente, estudamos durante anos... seguimos estudando e só agora percebemos que SOMOS PROFISSIONAIS PARA HUMANOS SEM DEFICIÊNCIA.

– E o que vocês vão fazer?

– Não sabemos.

– Pois, permita-me dizer: VOCÊS VÃO ATUAR COM ÉTICA E DILIGÊNCIA PARA HUMANOS, QUER TENHAM OU NÃO DEFICIÊNCIA. Só assim veremos, com conhecimento e saber, a sociedade inclusiva diante de nós se erguer!

*A menina... o abuso...
o gemido... a descoberta*

Ela era pequenina e franzina, uma criança como outras,
E ao seu modo e labor.

Tinha nascido com paralisia cerebral
que comprometia a fala, os movimentos...
mas ela era real..

Assim, em sua cadeira de rodas, esboçava um riso solto e
faceiro.

Todas as tardes, ali ficava a observar o movimento ligeiro

Já era um ritual,

a mãe o banho dava e a vestia sem igual,
cabelos penteados e muita euforia.

Ela se punha a observar com alegria...

Mas, numa das tardes corriqueiras
qual não foi sua maneira

a menina agitou-se sem igual
diante da presença do vizinho real...

Sua atenciosa mãe nada entendeu
e com ela conversou.

Era apenas o vizinho, o simpático senhor...

Mas, mesmo assim, ela se agitou.

Na tarde seguinte, calma estava nossa menina a olhar

quando ao chegar o vizinho, voltou a se agitar...
E, de tanto que se agitou, soltou um sufocado gemido de pavor...
Dessa vez, a mãe ficou encabulada e logo a retirou da calçada...
À noite, ao pensar no que via nesses dois dias, a mãe desconfiou, mas com tanta dor, não acreditou.
No dia seguinte, então a mãe provocou a situação; Deixou a criança, e afastada, observava então.
O vizinho chegou faceiro, olhou ligeiro para os lados. Ao lado da cadeira encostou... enquanto nossa flor se agitava com pavor...
As mãos horrendas ergueram-se e, por baixo de seu vestido, o mau deu-se.
Em fria perversão e horror, elas a tocavam sob o olhar de profundo pavor e a mãe, que tudo via, em desespero gritou e o abusador ali atordoado ficou.
A mãe, agora leoa feroz, agarra-se à filha e esbraveja diante de ato atroz.
Assim, no silêncio dos que se calam, colocamo-nos a pensar e a clamar:
Quando nossa sociedade terá ciência da horrenda realidade do abuso a crianças e adolescentes com deficiência?

Áudio-descrição: A direita uma flor de lótus desabrochando e a esquerda, mão em garra voltada para a flor. Ela está inclinada para direita.



Hora da notícia... E agora?

O ciclo atrasou
O enjoo chegou
O resultado confirmou
O filho que tanto sonhou
Três meses de aperreio
Sintomas sem freios
Seis meses de alegria
Barriga que aumentava a cada dia
Quase nove meses então
Nasce o bebê e que emoção!
Ao nascer, levam-no antes de vê-lo
Atordoada e confusa, tenta entender
O que houve, que não pôde seu filho nos braços ter?
Um dia se passou e ninguém a informou
O companheiro chegou para visitar
E também não sabia explicar
Três dias depois, para a surpresa dos dois
Ninguém tinha dito nada, ora pois...
Finalmente, um médico tímido apareceu
E, mesmo assim, nenhuma notícia deu.
Mais um dia, e chegou o médico que a operou
Falou do dia, do céu ensolarado e soltou de um jeito
inconsequente:

– Sua criança não está aqui, pois é deficiente.
Não vai andar, falar, comer e, em poucos dias, poderá morrer.
Nesse último verbo, a mãe já nada mais ouvia
Tamanha era a angústia que sentia.
A hora da notícia chegou-lhe
E o desespero a dominou.
Recebeu o filho nos braços
Em pranto e pavor.
Foi para casa despedaçada,
O sonho havia ficado na estrada.
O tempo foi indo e ela foi então reagindo.
Um dia, a espera por um atendimento,
Recebeu, de um profissional, o alento
Ao ver o bebê e o afagar, disse-lhe com clareza:
– Seu filho é uma linda criança, com certeza.
Surpresa com aquela afirmação, disse-lhe:
– Não, é não, doutor, ele é deficiente e nada faz.
– Traga-o aqui e verá
Sim, seu filho é diferente, mas pra falar a verdade
Quem é igual em nossa sociedade?
Ele tem algumas especificidades,
mas vai crescer e viver o que for possível ser...
Nesse momento, a mãe em prantos pôde dizer:
– Doutor, o meu filho vai viver?
– Ah, os dias de vida de uma existência não nos pertence,
minha amiga
Portanto, viva com seu filho, cada dia da vida.
Fique tranquila e não perca do olhar, o brilho, pois
com ou sem deficiência, ele é seu filho!

Diagnóstico

*N*os dias atuais, é grande a incompreensão
acerca de uma criança que tem um diagnóstico
então...

Seja a deficiência que for
Sua confirmação, geralmente chega à família pela dor.
O nascimento tão aguardado e celebrado.
As primeiras observações
Os sinais que indicam algumas questões
E, finalmente, as constatações.

Às vezes, é tanta aflição e procura
Que tudo na criança passa a ser agrura
Só para atender e confirmar
O diagnóstico que o profissional está a suspeitar.

Aquela criança tão amada e desejada
Agora passa a ser a diagnosticada
E tudo que parecia alegre, natural e infantil
De repente se resume a um laudo frio...

A avaliação de uma criança em sua complexidade
É uma potente habilidade, é bem verdade,
Que deve ser realizada com compromisso e prospecto
Não reduzindo sua existência a apenas alguns aspectos.

O diagnóstico deve ser muito bem elaborado e revisado
Com paciência e afeto à família, então passado.
Seja como for, porém destacando uma verdade
Nenhum laudo é uma criança em sua totalidade.
Que profissionais das mais variadas áreas
Compreendam que crianças são existências áureas
E que diagnóstico em sua origem vocabular
Significa o dia que se pôde conhecer, saber e amar...

Que famílias muitas vezes em dores e aflições
Tenham o real acolhimento de suas emoções
Que possam receber o laudo e entender
Que seus filhos existirão pra valer
Pois o diagnóstico não pode fechar tudo que é um ser.

Que crianças com sinais, diagnósticos e laudos
São seres que evoluirão aos saltos
E que fique claro a toda sociedade
Que para além do que se é dito, elas precisam de coletividade.

Entende você então, com os olhos, a alma e o coração
Que uma condição humana é dotada de vasta amplitude
Por isso não use o diagnóstico para reduzir um ser
Pelo contrário, oferte-lhe o que quer então receber.

Que profissionais, famílias, crianças e sociedade
Compreendam que um laudo não é a absoluta verdade
E que diagnóstico não é fechar uma existência em papel cruel
Mas é abertura e possibilidade, deixando cada viver à
vontade!

O Mestre, o Discípulo e a Deficiência

Era mais uma tarde de primavera e, como sempre acontecia, o discípulo vem ao mestre para com ele aprender acerca da vida.

– Mestre, vejo que estás arrumado, faremos algo hoje?

– Sim. Visitaremos a sociedade.

– Ah, mais que maravilha! E o que veremos?

– O que ela tem a nos mostrar...

– Então, vamos!

Apoiado no braço do discípulo, o mestre dirige-se às margens de um largo e límpido rio, cor azul puro céu, onde crianças alegres banham-se. Após alguns instantes, o discípulo surpreso diz-lhe:

– Mestre, que fazem aquelas crianças com deficiência dentro do rio?

– Tomam banho nas águas claras.

– Eu sei, mestre. Estou vendo. Mas são deficiências tão graves... olhe aquela com aparelhos nas pernas, aquela com respirador artificial e aquela que praticamente entrou numa maca. Elas não deveriam ficar em casa?

– Não!

– Mas mestre, seria mais seguro e protegido para elas ficarem em casa.

– Quem disse isso?

– É o que eu acho mestre.

– Vá lá, pergunte a elas e as suas famílias, se devem ficar em casa

Já de cabeça baixa, o discípulo pareceu compreender seu mais experiente guia.

– Tudo bem, mestre, já compreendi, embora ainda não concorde.

– Tudo bem, diz o mestre encerrando o assunto.

No retorno ao templo, o mestre, em profundo silêncio, o discípulo resolve intervir.

– Mestre, acho que agora entendi. No início do nosso passeio, o senhor disse-me que veríamos o que a sociedade tem a mostrar. Ela me mostrou crianças especiais, seres angelicais tomando banho de rio.

O mestre ergue a fronte, respira profundamente, olha nos olhos do discípulo e diz com voz doce e mansa:

– Não, meu jovem filho, a sociedade hoje mostrou uma única coisa que você mesmo não foi capaz de ver.

– Mas mestre, não diga isso. Eu vi... eu vi sim, todas aquelas crianças.

O mestre franze o cenho em sinal de reprovação.

Novamente cabisbaixo, o discípulo indaga:

– Tudo bem mestre... o que foi que eu não fui capaz de ver?

Com um leve sorriso, o mestre lhe diz:

– Seu preconceito. Você não viu o seu próprio preconceito!

Eu mostro meu filho... Eu mostro minha filha...

O verbo mostrar vem do latim *mostrare* e remete a expor, tornar visto ou visível, apresentar aos olhos...

Mostrar faz alusão a tirar do oculto e colocar à vista...

Mostrar é tornar visível à alma, o que historicamente foi feito invisível...

Mostrar é possibilitar que veja, o que durante muito tempo se recusou a ver...

Mostrar é impactar, é trazer desalento, desconforto e questionamentos...

Mostrar é também tornar existente, competente e ciente...

Mostrar é abrir os olhos à realidade outrora negada...

Mostrar é expor o amor e a dor que atravessam cada existência...

Assim surge EU MOSTRO MEU FILHO... EU MOSTRO MINHA FILHA...

Mostro porque preciso que a sociedade os veja como gente que são...

Mostro porque seu lugar não é mais a solidão de casa... seu lugar é todo lugar!

Mostro porque quero que todos os/as vejam como seres de diretos iguais a quaisquer outros...

Mostro porque mesmo que a sociedade recuse-se a vê-los, isso não os torna inexistentes...

Mostro porque, ainda que alguém feche os olhos para não vê-los, isso não apagará a força de suas vidas...

Mostramos nossos filhos e filhas porque chegará o dia em que ver crianças com deficiência nos parques, praias, zoológicos, shoppings, etc., será tão NATURAL quanto ver borboletas que sobrevoam um jardim florido!

Assim mostramos nossos filhos e filhas, pelo simples fato que EXISTEM e isso basta! Não importa como sejam, basta a cada existência existir...

Então, olhe, veja e sinta: NOSSOS FILHOS, NOSSAS FILHAS EXISTEM!

Inclusão nossa de cada dia...

*H*a muito tempo, a inclusão de pessoas com deficiência não é meu trabalho apenas... é parte da minha existência... constitui o que faço e por onde passo em meu cotidiano.

Sendo assim, querendo ou sem querer, eu deparo-me com ela.

Hoje fui com minha família a um restaurante. Um lugar lindo, simples, um pedaço do sertão rural em plena cidade.

Daqueles restaurantes em que somos atendidos pelo dono... e que dono! Simpatia e gentileza em pessoa. Nesse restaurante, também somos atendidos pelo filho do dono... tão querido, atencioso e simpático como o pai. Um verdadeiro anfitrião. Um pouco mais de aproximação, percebe-se que nosso amigo tem microcefalia... E daí? Se todo mundo também tem alguma característica que o difere dos demais.

E aqui, quero apenas dizer, que era só um almoço de família... mas tornou-se uma prosa de resistência, intolerância e inclusão.

Seguindo a prosa com pai e filho, percebo que microcefalia nunca foi nem é problema, defeito ou dificuldade... pois o pior mesmo é a humana crueldade.

Meu mais novo amigo não gosta de ser destacado como especial... pois sabe que é igual a todos e está completamente certo.

Horror mesmo não é sua existência, mas um burguês boçal que, em meio às amigas, olha, ri, esnoba e apelida...

Meu amigo é apenas gente... gente diferente como todos o são...

Mas de doer o coração é preconceito, o pior mal então...

Ainda fico sabendo, com muita alegria no peito, que meu amigo luta por seu pleito e fala por si...

Aos hipócritas de plantão, digo-lhes: então a microcefalia nada mais é em essência que a diversidade da existência...

Se você não sabe com ela conviver, o problema é todo seu, pode crer...e se não sabe o que fazer com seu preconceito, não furte ao outro o pleno direito.

Era um almoço, era minha família... foram novos amigos com inclusão, lágrima e emoção.

Avante, meu amigo querido, você existe e isso basta!

Inclusão não tem feriado, férias ou pausa... inclusão faz-se com vida e coração!

Voe minha cadeira... voe...

Eu sou assim aqui e ali...
Eu trago em mim as marcas e o desejo de ir...
Quando minhas pernas não vão, a cadeira de rodas vai e me guia com emoção...
Não pense que estou preso na cadeira... cadeira de rodas não é prisão, ao contrário, é libertação...
Na cadeira, tenho a vida que nunca tive, e que você entenda que, na cadeira, eu sou, sim, livre...
Agora fui embora... fiz minha passagem e habito outra morada...
Mas a cadeira ficou para outro ter liberdade e amor...
A cadeira que tanto me ajudou, agora o fará a outros com vigor...
Assim eu já parti em pessoa, mas digo com alegria
– Voe minha cadeira, voe!

Inclusão

Inclusão não é brincadeira
Não é faz de conta
Não é moda
Não é área de trabalho
Não é discurso bonito pra encher currículo
Não é falácia vazia sem prática cotidiana
Inclusão é ética e profunda consciência de que existem inúmeras formas de EXISTÊNCIA
Inclusão é a certeza mais ética de que a existência excede a estética...
Inclusão é atentar-se para a diversidade de corpos como vivos e não mortos...
Inclusão é a convicção de que existir é o bastante...
Pense bem, sua prática de vida e profissional incluem toda diversidade real?
Ou ainda é um profissional sem eficiência, trabalhando somente com humanos sem Deficiência?
Saiba, pois de uma coisa certa, a tendência profissional do futuro então será, com certeza, um profissional que também trabalha com inclusão...

Partida

Um sopro...
A vida...

A respiração...

A emoção...

Não importa se respira pelo ar ou pelo aparelho que ali está...

Importa apenas existir...

E tu exististe, meu pequenino! Isso foi o bastante...

Tua existência trouxe alegria e desafios aos teus jovens pais...

Num susto se perguntaram: E agora?

Mas num instante, perceberam que, para o amor, não tem hora...

E assim, após uma linda passagem aqui, com desafios e encantos em tua história...

Olhas finalmente para tua mamãe, pedes um beijo e segues tua trajetória...

Tu vais aos braços do Papai do Céu e eles ficam com um instante de dor, e uma vida de amor que tua sagrada existência te ofertou...

Vai em paz, pequenino!

Descansar é preciso...

Um Deus que une
Um filho raro que chega
Uma filha que ampara
Uma mãe que se entrega
Um pai que vai além de si...
O mesmo Deus que uniu
O filho raro cresceu e homem ficou
A filha linda tornou-se
A mãe lutadora formou-se
E o pai?
O forte e bravo pai descansou...
Agora descansou o pai que tanto amou e, de si, tudo entregou...
Descansou o amigo, companheiro... o guerreiro...
Descansou aquele que, nos braços, o filho homem/criança carregou...
Descansou o batalhador forte e sensível...
Descansou aquele que Deus hoje chamou...
Ele foi e Deus ficou com mãe, filho e filha a mostrar seu amor...
Assim, descanse também a família querida... Deus a sustentará na lida...
E na hora da saudade do pai e da amizade...
Lembrem que o bravo pai Jó, agora não está mais só...
Apesar de ter deixado os seus, foi pra sempre descansar nos ternos braços de Deus!

A mãe, os dois filhos e a cadeira!

Uma mãe...
Dois filhos...
Um instante...
Um fica...
O outro vai...
O que vai, fala com o silêncio...
Sorri com os olhos...
Abraça a alma!
O que vai, fica...
Fica quieto inquieto
Fica em movimentos parados...
Fica no desejo de ir...
E irá... a doce cadeira chegará e o levará de volta aos sonhos.
Isso! A cadeira não aprisiona
A cadeira liberta...
E ele agora é livre...
Livre para sentar e voar...
A cadeira tem rodas e asas
Que te levarás para onde desejar...
Seja como for, vai meu querido...
Tua existência é livre!
E sendo livre, tu poderás ir e estar onde quiseres...

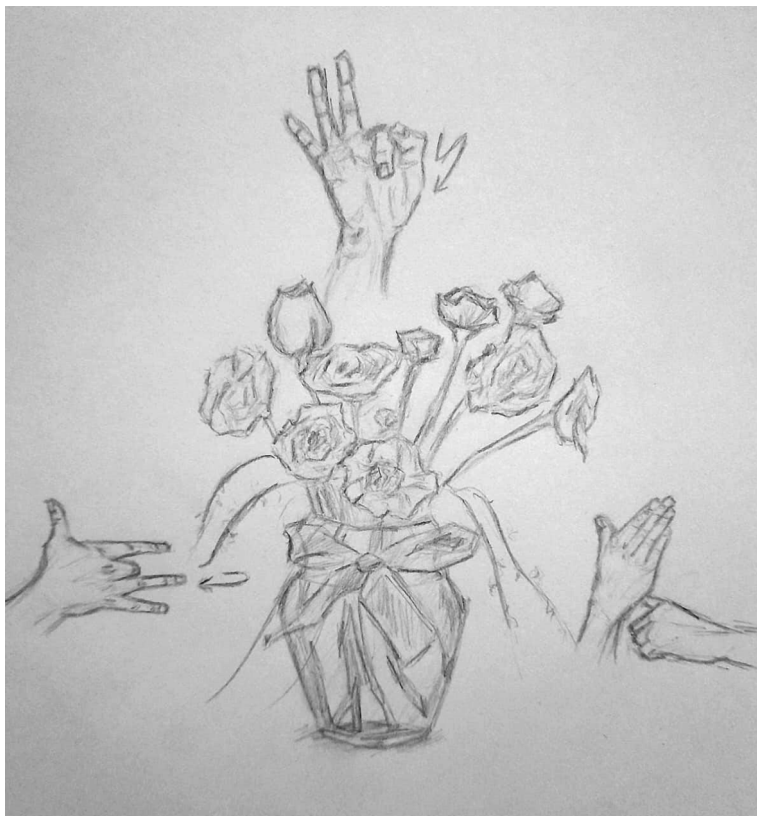
Como tu és hoje e como tu serás amanhã, só Deus o sabe.
Afinal, não importa como tu és... Pois queira a sociedade
ou não, toda existência tem direito de ser aquilo que é...
Tu existes do teu modo... Da tua maneira e isso basta...
Basta a tua existência existir.
O amor infindo de tua mãe e de teu irmão levar-te-á
avante...
O afeto materno e fraterno dará alma à cadeira e assim
te conduzirá...
Juntos, eles segurarão as tuas mãos e voará além dos
limites que surgem...
Tudo isso porque o amor, meu querido... o amor puro de
uma mãe é capaz de dar pernas, voz e vida a um filho...
Assim, voa meu querido... voa além no amparo dos braços
dos que tanto te amam!

*Minha profissão... Minhas mãos...
atendimento acessível então!*

Era o posto de saúde, o balcão
O consultório, o hospital,
A farmácia então...
Chegou aflita em meio às lágrimas
E com a receita na mão...
Um olhar que falava como se sentia...
Medicações que por certo não conhecia
Esperou chegar sua vez...
E em aflição sinalizou
Alguém havia de lhe explicar a dor que a atravessou.
Para sua angústia e desespero
Do outro lado, um profissional verbalizou...
Outra vez... tudo de novo se repetiu
Era mesmo uma sina
E ela agora parecia estar à míngua
Do hospital à farmácia, ninguém conhecia sua língua.
Agora já não sabia se doía a dor que sentia
Ou se doía a exclusão linguística de cada dia.
Um filme passou-lhe na mente: três dias em dor ardente
Nenhum profissional sinalizante a sua frente.
Verbalizações tantas, que nada lhe diziam

E quanto mais sinalizava, menos a entendiam...
Respirou fundo... chorou um choro apertado
E foi para a farmácia ao lado...
Estava em aflição tamanha
E de novo esperou sua vez...
Chegou ao balcão, a receita entregou
E como era de esperar, o profissional verbalizou...
Já exausta, sinalizou devagar o que sentia e por que ali
estava
Qual não foi seu espanto dessa vez... dessa única vez
O profissional também sinalizava.
Agora nossa paciente explodiu em choro ardente
Pôde ser atendida em sua própria língua
Sinalizou toda sua trajetória diante da dor que sentia...
As dúvidas que tinha
Como as medicações tomaria ...
Foi atendida, acolhida, informada, esclarecida em sua
própria língua...
Ao encerrar o atendimento, sinalizou com paixão,
argumento e vontade:
– Que em todo Brasil tenha-se acesso linguístico de
verdade!

Áudio-descrição: Ao centro um vaso de vidro, com flores, enfeitado com laço. Ao redor do vaso mãos que sinalizam em Língua Brasileira de Sinais.



Transformação

Era a gestação e a emoção...
A ansiedade da espera então...
Era o chá de revelação
O almoço em família e amigos
Para receberem o novo ser em afeto e abrigo.
Já seria a segunda filha
Por isso a mamãe conhecia bem a trilha.
Realmente o grande dia chegou
E para fazer a cesárea, a mamãe se internou
Nasceu sua linda menina com vigor.
Em poucas horas percebeu algo diferente
E com a equipe comentou
Mas ninguém com ela se importou.
Já eram dois dias e a criança ao seu olhar não respondia
E isso por demais a afligia!
Em dado momento, uma convulsão presencia
Mas a equipe diz-lhe que não era o que parecia.
Até que novo episódio, toda equipe viu
E em correria, levaram-na ao lugar mais adequado
E ali a pequenina ficou por 30 dias de choro e dor
com sua mãe ao seu lado em angústia e pavor.
Finalmente, o diagnóstico brutalmente alguém passou:
– Sua filha tem deficiência neurológica!
Seguirá uma vida anormal e fora da lógica.

De repente, a alegria da maternidade
Chegou-lhe em intensa verdade
O sentimento foi de cair em abismo profundo
O modo como a notícia veio-lhe, acabou-lhe o mundo.
A dor era de uma proporção que lhe chegava então
A dura realidade, não fora competente o suficiente
Para ter uma criança de verdade.
Ali, na frieza de um hospital, por 30 dias, chorou com
vontade
E o choro a fazia pensar que sua filha poderia ‘curar’.
Dedicou-se, assim, a busca por Deus e a oração
Se Ele tudo podia, logo sua filha curaria.
Finalmente, chega o dia da alta e o desespero a convoca
Se ali era difícil, estar em casa seria a maior prova.
De tanto chorar e sofrer, uma decisão tomou naquele
momento
Em casa engoliria, pois, o sofrimento
E assim cuidaria de sua pequenina filha com alento.
Embora o cuidado fosse então seguido, não havia por
ela o brilho.
Os anos foram avançando e, essa mãe, a dor sombria
seguir guardando!
Quatro anos se passaram até aquele momento
Onde, de repente, ela se encontrou em um dado evento
Ali fora só por ir... nada poderia fazê-la evoluir.
No início, ouvia a fala sincera de outras mães como ela
Que por seus filhos nutriam amor e afeto
Mas sua dureza não permitia que outra mãe amasse o
filho que tinha.
Esse era seu processo confesso, seu percurso em vasto
curso.
Durante aquelas falas, ironizava, tinha raiva e duvidava
para valer:

– Querem mesmo convencer-me, que uma mãe é feliz por um filho com deficiência ter?

Em segundo momento, chegam profissionais a falar

Abordam o período bruto denominado luto.

A palavra, assim franca, tocou-a em vigor

Seria então luto, toda sua angústia e pavor?

Uma lágrima quente desceu-lhe o rosto

E o véu descortinou com gosto...

Não estava louca nem demente

O que sentia tinha um nome e era potente

Agora entendeu com clareza que é possível sofrer em cena

E livra-se da pena...

Enquanto isso, ainda digerira e elaborava

Percebe que outra profissional, uma história contava

E ao fim dessa narrativa, essa diz em vigor confesso:

– Acreditem! *Todo humano tem uma via de acesso!*

Agora ela se enchia de intensa alegria

De tal modo, que a escuridão da noite parecia a luz do dia.

Era isso... era exatamente isso que precisava

Sua pequenina filha agora encontrava

E ali, naquele encontro transformador

Deu-se conta que, a seu modo, sua filha era um ser de amor.

Pensou intensamente em seus sinais, em sua existência

– Sim! Ao meu modo, minha filha tem uma essência.

Lembrou-se de seu olhar quando ao seu lado está

Vieram, à mente, suas reações a ponto de declarar

– Ela é uma criança de emoções e saberá amar!

Qual não foi sua alegria, correu para casa naquele dia

E sua pequena filha encontrou e ali resgatou todo o seu amor

Pois, naquele momento, sua relação com ela nasceu

Entendeu, portanto, que ali não estava uma deficiência
Ali estava uma plena existência!
A mãe, outrora em dor, nascia ali agora em amor.
E suas orações foram então atendidas
E a tão desejada cura chegou
Não da filha pequenina, mas de sua dor em vigor.
Qual não foi então, naquela manhã, sua libertação
Pois entendeu de alma e coração
Que para a condição humana não existe padrão!

Áudio-descrição: A esquerda rosto de um bebe no centro de uma rosa de frente para nós. Ao lado o rosto de uma mulher de perfil. O bebe tem a face oval, cabelos curtos; a mulher tem cabelos curtos ondulados e com franja, nariz e queixo afilados e os olhos estão fechados. Lágrimas escorrem por seu rosto.



Constatações

Esses dias, estive a pensar sobre a diversidade que
Está a impactar
E, de tanto pensamento, deixei-me levar pelo vento
E, de tanta reflexão, veio-me uma aflição
Que angústia deve ser, querer existir e não poder ...
Que horror deve sentir quem a sociedade insiste em
excluir...
Falando em sociedade, simplesmente somos nós, é bem
verdade
Não adianta a sociedade culpar em narrativas vãs
Se no cotidiano nós a replicamos com afã...
E, seguindo o emaranhado de reflexões
Passo então a apresentar algumas constatações
Como uma jovem mãe deve se sentir
Quando de modo bruto um diagnóstico teve que ouvir?
Que angústia sente um surdo, quando ao sinalizar,
Vê ao seu redor um grupo com risos e ironia fomentar?
Ah, que dor tamanha deve ser, alguém rir de sua língua
pra valer
E como deve ser então ser cobrado pelo que não tem
em si
Em detrimento de tudo que leva como possibilidade de
existir
E já pensaste na criança pequena, que chega ao parque
para brincar
E, de repente, começa a perceber que as outras crianças

estão a se afastar?

Isso quando não escuta de modo insolente:

– Deixe-a, meu filho, pois é uma menininha doente.

Que brutalidade deve atravessar um pai que, ao tentar viver a lida,

Ter sempre que explicar, as razões que fazem seu filho ser diferente na vida.

Que absurdo para um profissional devidamente habilitado
Ver seu currículo rebaixado, pois a empresa o considera incapacitado.

Como deve ser chato para um casal com deficiência, que a um restaurante deseja ir,

Mas ao chegar lá, alguém sempre insiste em falar:

– O que eles fazem aqui?

Quanta ignorância ao ver uma mulher com deficiência que grávida está

Alguém exclamar:

– Quem fez isso com você, por certo preso deveria ser!

E pior ainda é precisar responder com vigor:

– Meu marido, senhor!

Que disparate é todas às vezes ter que elogios vazios ouvir

Para, de modo capacitista, a deficiência cobrir

Como deve ser cruel cada dia, mas, porém, contudo, todavia escutar

Como narrativas vazias da deficiência compensar...

Todas essas e tantas outras constatações fazem-nos uma certeza ter

O problema não está em pessoa com deficiência ser.

Se há um problema que requer urgente solução

É erguer uma sociedade sob nova construção

Que entenda de uma vez por todas

Que gente é gente, não importa o corpo que a envolva!

Existência

Quem compreenderá o mistério da condição humana?
Só se sabe até agora que uns veem através dos olhos,
outros através das mãos;
Uns escutam através dos ouvidos, outros através dos
olhos;
Uns falam com voz audível, outros com sinais silenciosos;
Uns andam com pernas, outros com rodas;
Uns têm corpo inteiro, outros têm corpos sem um
'pedaço'... E daí?
Uns têm funcionalidades preservadas, outros
funcionalidades perdidas, deixadas para trás...
Uns estão na sociedade, outros estão na cama...
Uns pensam lentamente, outros rapidamente, outros,
sequer, pensam...
Mas... enfim, TODAS as condições existem. E isso basta!
BASTA A CADA EXISTÊNCIA EXISTIR...

Quem cabe na sua diversidade?

O diverso é aquele que em TUDO difere de mim, mas se assemelha em TUDO a mim
Pela sofrida humanidade que carregamos...
E quem cabe na sua diversidade?
O preto...o branco...o azul e o amarelo?
Cabe o negro e toda sua negritude?
Cabe o índio sofrido, oprimido indígena dono da terra nada?
Cabe os sem terra e os com terra?
E quem cabe na sua diversidade?
O hetero... o homo... o bi... o trans...
O gênero desgeneralizado?
Cabem o homem macho e a mulher fêmea?
E quem cabe na sua diversidade?
O religioso cabe? Se couber, ponha TODOS, TODAS e TODOS...
Se couber, então ponha o cristão, o judeu, o mulçumano, o umbandista...
O candomblé...o afoxé... o culto e o terreiro...
Se couber, ponha quem não crê...e quem insiste crendo e sendo...
Se couber, ponha GENTE em sua diversidade!
Ponha gente feia, desagradável, ponha gente amável...

Ponha o vermelho, o branco e o descolorido...
Ponha o pecador e o santo...
Ponha o sofrido e o arrependido
Ponha o saudável e o adoecido...
Ponha a puta que dá para todo mundo e a religiosa que não dá para ninguém!
Ponha o habitante do palácio estonteante...
Ponha também o habitante da favela, da rua nua e crua...
Ponha o liberal, artista, serviçal, evoluído sem igual
Ponha a esquerda, direita, volver... ponha o centro e o meio do muro...Absurdo meio do muro, sem opinião... então ponha-os fora do padrão...
Ponha então o retrógrado em seu retrocesso... o antiquado, o arcaico e o primitivo...
Pois todos seguem a miserável batalha humana de ser GENTE.
Afinal, nada mais retrógrado que considerar o outro retrógrado para legitimar o que é meu... nada mais primitivo que destruir o que pertence ao outro para (re) afirmar quem eu sou...
Nada mais brutalmente barbárie que agredir quando se luta, para não ser agredido... de modo então...
Ponha os comportamentos da era atual, que finalmente saíram do armário...
Ah, mas não se esqueça de pôr também aqueles comportamentos que lhe são
Estranhos e, por conta disso, começam a ser postos à força no armário da opressão... Do pleito sem jeito, das grades aprisionadas...
Ponha o bandido desesperado e o “puliça” atormentado...
Ponha o livre, o liberado e o encarcerado...
Ponha o burguês de nome complicado...

Ponha o rico empoderado e o pobre abandonado...
Ponha, dentro de casa, a diversidade da alma...
Ponha certamente quem pensa igual, mas ponha
loucamente quem pensa
Absurdamente diferente...
Ponha na alma a diversidade sem calma...
Ponha o cego, o cadeirante, o surdo, o surdocego, o down
e o paralisado cerebral...
Ponha o louco e enlouqueça também na inútil/nobre
tentativa de entender o que é GENTE...
Afinal viver é trágico e cada ser segue sua miserável
tragédia como pode!
Sendo assim quem cabe na sua diversidade?
A mulher apanhada em adultério cabe? Os fariseus
cabem?
Cabem a dor e o horror de serem apenas humano?
Afinal... respeito à diversidade é conviver muito bem com
quem é muito diferente.
Afinal... respeito à diversidade é FAZER AO OUTRO,
EXATAMENTE O QUE ANSEIO QUE O OUTRO FAÇA
COMIGO!
Enfim... que a sua diversidade seja e, portanto, caiba
TUDO QUE É HUMANO!!!

Últimas Palavras

*I*niciar uma escrita é mais fácil que finalizar. Enquanto escrevia este livro, compartilhava alguns textos com uma querida amiga a quem tenho profunda estima e admiração e, em uma dessas, ela me disse “Eu tenho prazer de ler, porque seu livro toca-me!”. Essa fala encheu-me de esperança, se ela estava sendo tocada, você e tantas outras pessoas poderiam ser também.

Por meio dos escritos aqui presentes, você, leitor, pôde conhecer um pouco do que compreendemos como inclusão real e efetiva. É possível que tenha entendido que esse tema é mais simples do que imaginamos e mais cotidiano do que pensamos. Talvez algumas coisas tenham lhe feito sentido agora, talvez só o farão daqui há algum tempo, porém uma coisa é certa e verdadeira, no que diz respeito à inclusão de pessoas com deficiência, a maior barreira sou eu, é você, somos nós e toda estrutura social. Não há nada de errado na diversidade de corpos e existências, a grande questão é: errada sou eu, é você e toda sociedade.

O que deve mudar, então, é exatamente nossa forma de ver, compreender e conviver com toda gente...

Profa. Dra. Karla Daniele Luz

Mãe de Miguel, Antonio, Joaquim, Pedro e Manoel. Professora do curso de Psicologia da Univasf, está como coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão, Reitoria. Autora da Metodologia Específica INCLUSÃO COMEÇA EM MIM, coordena o Programa Institucional com mesmo nome, no qual desenvolve os projetos INCLUSÃO COMEÇA EM MIM, Incluir Kids e Saúde em LIBRAS. Autora da perspectiva Saúde em LIBRAS, pelo acesso da comunidade surda a saúde social. Atualmente coordena o Programa Institucional PRÁTICAS PROFISSIONAIS INCLUSIVAS que objetiva garantir o direito a formação inclusiva dos estudantes de graduação e atuar na remoção de barreiras sociais que impedem a atuação do profissional com deficiência. Há mais de 20 anos desenvolve trabalhos voltados para inclusão social de pessoas com deficiência, com foco nos mais diversos aspectos e diretrizes sociais.



karla.maciел@univasf.edu.br